

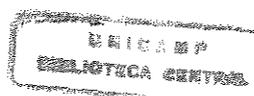
PROCESSO DE (DES)IDENTIFICAÇÃO: O DESLOCAMENTO DE FRONTEIRAS
NO MOVIMENTO DISCURSIVO

Maria Aparecida dos Santos

UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem

2001



**PROCESSO DE (DES)IDENTIFICAÇÃO: O DESLOCAMENTO DE
FRONTEIRAS NO MOVIMENTO DISCURSIVO**

Maria Aparecida dos Santos

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora do Departamento de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Augusta Bastos de Mattos

**UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
2001**

Sa59p

Santos, Maria Aparecida dos

Processo de (des)identificação: o deslocamento de fronteiras no movimento discursivo / Maria Aparecida dos Santos. - - Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Orientador: Maria Augusta Bastos de Mattos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Identificação. 3. Comportamento - Modificação. 4. Sujeito(Filosofia). I. Mattos, Maria Augusta Bastos de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Comissão Examinadora

Maria Augusta Bastos de Mattos

Prof^a. Dr^a. Maria Augusta Bastos de Mattos – Orientadora

Prof^a: Dr^a. Carmen Zink Bolognini

Prof: Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa

Prof^a: Dr^a. Tereza Machado Maher

Este exemplar e a redação final da tese defendida por *Maria Aparecida*

dos Santos

e aprovada pela Comissão Julgadora em *09/08/01*.

*Maria Augusta Bastos de Mattos*⁵

AGRADECIMENTOS

À Professora Maria Augusta, pela orientação sempre disposta e pela amizade;

À Banca, pela leitura e pelas sugestões;

À CAPES, pelo apoio financeiro;

Ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário de Rondonópolis, pela concessão do afastamento;

Aos meus familiares e amigos.

Obrigada por tudo.

SUMÁRIO

i. Resumo	11
ii. Résumé	13
1. Inquietações iniciais	15
2. A Análise do discurso e o estabelecimento de fronteiras	21
2.1. A noção de desidentificação em Pêcheux... ..	33
3. Foucault e a descontinuidade: uma reflexão	43
3.1. Limites e rupturas: alguns problemas	47
4. E um discurso rizomático...? Considerações	55
5. Uma observação dos limites marginais	65
6. Das identificações e reterritorializações	81
7. Considerações finais	93
Bibliografia	103

RESUMO

Considerando-se que no discurso de um sujeito podem ser observados rastros de ressonâncias de discursos outros que nele se disseminam, constituindo-o heterogeneamente quando de sua produção, a proposta deste trabalho é a de se observar como poderia ser descrita a delimitação de fronteiras discursivas. Como se poderia observar a recomposição da subjetividade se ela se esfacela tanto, em vista de tantas desterritorializações?

A partir do referencial teórico e metodológico da Análise do Discurso e dos aportes teóricos das obras de Deleuze e Guattari, Foucault e Pêcheux, buscou-se estabelecer uma descrição de como nessas teorias poderia ser percebida a questão das delimitações de fronteiras discursivas.

O trabalho foi pautado nas correlações que foram feitas entre os autores citados, retomando discussões que se estabelecem através do uso de noções como a de contra-identificação, em Pêcheux; a descontinuidade, em Foucault, bem como uma associação da imagem de um discurso aos limites de inflexão de uma curva; e uma associação livre estabelecida entre multiplicidade e rizoma, em se referindo estes termos a sujeito e discurso. Além da discussão sobre a delimitação discursiva que, quando referida de alguma forma à estrutura, parece estar tranqüilamente estabelecida, houve o voltar-se para as agitações presentes nas séries de enunciados, que denotariam um maior movimento discursivo.

PALAVRAS-CHAVE

1. Análise do Discurso. 2. Identificação 3. Sujeito

RÉSUMÉ

Étant donné que dans le discours d'un sujet on peut repérer des résonances des discours autres qui s'y trouvent disséminés et qui le rendent hétérogène dans sa constitution, l'objectif de ce travail est d'observer les façons dont on peut décrire la délimitation de frontières discursives. On se pose la question de savoir comment on peut décrire la recomposition de la subjectivité en sachant qu'elle est fragmentée en raison d'un grand nombre de déterritorisations.

À partir des dispositifs théoriques et méthodologiques de l'Analyse du discours et des apports théoriques provenant surtout des lectures de Deleuze et Guattari, Foucault et Pêcheux, nous avons essayé de faire une description de la manière dont on pourrait y analyser la question des frontières discursives.

Ce travail reprend les discussions autour des notions telles que celle de contre-identification, chez Pêcheux; celle de discontinuité, chez Foucault; ainsi qu'une association de l'image d'un discours aux limites d'infléchissement d'une courbe, et une libre association entre multiplicité et rhizome, ces termes renvoyant aux concepts de sujet et de discours. Au-delà d'une discussion sur la notion de délimitation discursive, étant celle-ci apparemment bien établie quand on se rapporte à une structure quelconque, cette recherche a essayé de saisir les variations présentes dans des séries d'énoncés qui dénoteraient un plus grand mouvement discursif.

Mots-Clés:

1. Analyse du Discours
2. Identification
3. Sujet

1. Inquietações iniciais

O pontapé inicial para a realização deste trabalho foram as inquietações experimentadas durante o curso de algumas disciplinas no mestrado. Para algumas, houve a realização de trabalhos que envolviam uma descrição de relações simétricas entre discurso e lugar ocupado pelo sujeito, observando entrevistas feitas entre informante e documentador para o Projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Culta do Estado de São Paulo). Para tanto, pressupôs-se como referencial teórico e metodológico a Análise do Discurso. Descreviam-se, assim, regularidades discursivas como pertencentes a discursos de professor, de cientista, de católico, entre outros sujeitos.

Nesses trabalhos, parecia haver a possibilidade de se pensar essa descrição como algo perene, em que facilmente se dava a marcação do par discurso-lugar ocupado pelo sujeito. Parecia que a posição ocupada pelo sujeito determinava sobremaneira o discurso, cerceando sua prática discursiva.

Percebia-se que os sujeitos eram constituídos heterogeneamente por vários discursos, havendo nessa sua constituição vozes dissonantes e consonantes. Pensar, entretanto, na heterogeneidade, observando a complexa intricação de vozes¹ - termo tal como empregado por Bakhtin -, como passíveis de serem percebidas em um discurso, levou a uma reflexão sobre como era pensado o

¹ O termo vozes é percebido nas reflexões que Bakhtin faz sobre o mesmo, enquanto internalização da palavra alheia por que o sujeito é constituído, revelando no seu dizer o dizer do outro.

estabelecimento de fronteiras que demarcava a diferença entre, por exemplo, o discurso de um burguês capitalista e o de um letrado. Os dois discursos pareciam manter uma relação de interdependência. O primeiro dizendo da divisão entre trabalho braçal e trabalho intelectual; o segundo, de certa forma, estabelecendo a mesma divisão através da escolaridade. Os dois podiam estar tão relacionados, a ponto de, em certos trechos das entrevistas observadas, não se poder dizer, de forma contundente, a relação de pertença entre discurso e sujeito.

Essa reflexão, em se observando um discurso, estabelecia uma quase não existência de zona fronteira entre os mesmos. No relacionar desse discurso com o exterior, com a posição ocupada pelo sujeito, é que se podia dizer da delimitação do discurso de um sujeito, assim como está pressuposto no referencial teórico e metodológico da Análise do Discurso - para se encontrarem "as regularidades da linguagem em sua produção, o analista do discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade". (ORLANDI, E. 1999:16.).

Observava-se a heterogeneidade da constituição feita por variados discursos, mas ficava marcada, ainda, a relação simétrica entre discurso-posição ocupada pelo sujeito, ou seja, a cada deslocamento feito pelo sujeito, percorrendo as diferentes posições que por ele poderiam ser ocupadas, havia um discurso pré-construído com o qual ele passaria a se identificar, reinscrevendo seus traços em seu próprio discurso. Nessa parte, insere-se um questionamento do valor atribuído à heterogeneidade. Se ela proporciona ao sujeito a possibilidade de ser constituído por uma quantidade ilimitada de discursos, como se pode dizer que esses mesmos discursos, em algum momento, possam ser delimitados, já que um

passa a fazer parte do outro?

Dizer que um sujeito é constituído por vários discursos parece possibilitar a enumeração de alguns deles, reconhecendo os limites de cada um. A imagem que se tinha da heterogeneidade era a da constituição discursiva de um sujeito por discursos que pareciam completos, determinados, redondos. Desse modo, podia-se dizer que um tal sujeito é constituído por tais e tais discursos.

Estes, no entanto, não estariam imunes ao movimento. Como, então, observar esse movimento? Os discursos pareciam surgir do entrecruzamento de um número impreciso de tantos outros. Há, sempre, novos discursos que surgem do entrecruzamento de um número impreciso de tantos outros. Como se pensar, então, o discurso como mera reprodução - devendo o sujeito reinscrever traços de um já-dito em seu discurso, identificando-se com uma formação discursiva - se nesse entrecruzamento, poderia estar se dando a realização de um trabalho por parte do sujeito - o que dificultaria o estabelecimento de fronteiras discursivas? Assim, parecia não bastar dizer que o sujeito se constituía heterogeneamente, mas que o próprio discurso era já por si uma heterogênese, termo tal como discutido por Deleuze e Guattari.

Em não se podendo mais estabelecer a relação simétrica entre sujeito e discurso, considerando as inquietações acerca do como se dava o estabelecimento de fronteiras discursivas e a problemática genealógica do discurso, passou-se a refletir sobre como se podia considerar a demarcação de

fronteiras entre os discursos, se a delimitação interna² deles próprios já não podia ser tão facilmente percebida. Externamente, observar um discurso e dizer dos seus limites poderia não ser tão fácil, pois um mesmo sujeito utilizava-se de vários discursos, inclusive diferentes e até mesmo divergentes da posição que ocupava. Não se podia pensar nos limites discursivos segundo uma relação simétrica entre sujeito e posição ocupada se se pensava nessa interpenetração de discursos.

Observando essa problemática de (de)limitação de fronteiras discursivas e na abertura que as noções de multiplicidade e rizoma (Gilles Deleuze) e de descontinuidade (Foucault) possibilitam à observação do discurso, pretende-se fazer uma remissão a esses autores, discutindo o estabelecimento de fronteiras discursivas.

Considerando o referencial teórico e metodológico da Análise do Discurso e os aportes teóricos dos autores citados acima - através de suas obras "Mil Platôs"(Deleuze) e "Arqueologia do Saber" e "A ordem do discurso"(Foucault), pretende-se fazer uma descrição de como pode ser percebido o estabelecimento de fronteiras discursivas. Intenciona-se observar como se possibilita a descrição do movimento discursivo se, na sua dita heterogeneidade, repousam interrupções - as quais se dão na medida em que se pode tentar descrever um fio de dizer constitutivo do discurso analisado.

A utilização do aporte teórico de Deleuze vai se dar através de metáforas, associações livres entre dois pares de termos - multiplicidade e rizoma, deste

² As discussões feitas envolvendo a problemática de delimitação interna e externa do discurso devem ser remetidas a FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*.⁴ Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

autor, e sujeito e discurso, da Análise do Discurso. A intenção é a de se observar como poderia ser descrita a delimitação de fronteiras, que, de uma certa forma, marca a territorialização - termo utilizado por esse autor - de um sujeito, ou do outro que o constitui como tal. Procurar-se-á descrever como poderiam ser percebidos os limites das reterritorializações por Deleuze.

Para o desenvolvimento deste trabalho, considera-se que, no discurso de um sujeito, podem ser observados rastros de ressonâncias de discursos outros que nele se disseminam, constituindo-o heterogeneamente, quando da sua produção. Pensar nessa heterogeneidade discursiva, assim como no próprio discurso como sendo uma heterogênese, e a conseqüente inviabilização do estabelecimento de fronteiras, através da delimitação de espaços discursivos individualizados, estanques ou unificados leva a uma discussão do processo de "reterritorialização" de um sujeito. Assim, se um discurso é constituído por vários fios e cada uma desses vários fios constituído por outros tantos, como se poderia pensar a recomposição da subjetividade através da descrição das fronteiras discursivas? Como poderia se recompor a subjetividade se ela se esfacela tanto, em vista de tantas "desterritorializações"?

2. A Análise do Discurso e o estabelecimento de fronteiras discursivas:

algumas considerações

A observação do funcionamento discursivo, tal como proposta pela Análise do Discurso, como em qualquer disciplina, vincula-se a uma orientação regida por alguns princípios teóricos e metodológicos.

Neste capítulo, o revisitar desses pressupostos torna-se relevante na medida em que se considere a remissão feita a esses princípios durante o desenvolvimento deste trabalho. A questão que se coloca neste momento é a de como, em se considerando a heterogeneidade, é tratada a delimitação das fronteiras discursivas pela Análise do Discurso.

Em princípio, há a necessidade de um esclarecimento. Há duas perguntas feitas por Pêcheux e Fuchs (1975:168) que poderiam remeter às inquietações possíveis para a realização deste trabalho: “Quantas formações ideológicas existem numa formação social? Quantas formações discursivas pode conter cada uma delas?” A discussão sobre a questão da delimitação das fronteiras discursivas propostas neste estudo não pretende responder a essas duas questões. Sabe-se da real impossibilidade de tal descrição. Assim, a proposta aqui apresentada é a de se buscar um esboço de como as delimitações discursivas são consideradas segundo alguns pontos de vista. Aquele, aqui considerado neste capítulo, é o da Análise do Discurso.

Nesta disciplina, a heterogeneidade é um conceito resultante, da visão do sujeito enquanto des-centrado. Considerar esse conceito é observar um discurso como sendo permeado por discursos outros que fazem parte de sua própria constituição. É pensar o sujeito enquanto disperso, constituído por uma pluralidade de linhas discursivas, de vozes que se cruzam em consonância ou em dissonância.

A delimitação de fronteiras, em se considerando a questão da constituição heterogênea de um sujeito, pode ser discutida conforme o enfoque que se dá à heterogeneidade.

Se o espaço aberto por ela no discurso é uma espaço demarcado pelas contingências da parafraseagem, como sendo esta a “defasagem entre uma e outra formação discursiva” (Pêcheux & Fuchs, 1997:168), pode-se dizer que as margens entre um discurso e outro estão mais ou menos estabelecidas. Isto porque, apesar de se passar a recusar um discurso como sendo homogêneo, o espaço discursivo passa a ser controlado pela parafraseagem - o sentido de uma seqüência só é materialmente concebível na medida em que se concebe essa seqüência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva (o que explica, de passagem, que ela possa ter vários sentidos). (Pêcheux & Fuchs, 1997:169.). Os discursos, assim, podem variar, remetendo, porém, irremediavelmente, a uma determinada formação discursiva.

A heterogeneidade, assim, não é vista como uma espaço de circulação e de produção discursiva. Dessa maneira, mesmo em se observando a heterogeneidade por que o sujeito é constituído, a delimitação de um discurso

parece fechada, visto que o mesmo foi concebido em um lugar em que o sujeito não participou de sua produção. Isto possibilita o pensar da categorização dos discursos enquanto blocos homogêneos.

Esta reflexão talvez seja possibilitada pelo fato de a Análise do Discurso, ao se interessar inicialmente por textos produzidos no quadro de instituições, estabelecer, de certa forma, algumas fronteiras discursivas, que podem ser observadas a partir de um dos conceitos básicos para esta disciplina, que é o conceito de formação discursiva.

Há duas noções para este termo, expostas por Foucault e por Pêcheux, e que se referem à delimitação de uma fronteira discursiva pela posição social. A primeira, apresentada por Foucault (1997:136) em *Arqueologia do Saber* como – “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada e para uma área social, geográfica ou lingüística dadas as condições de exercício da função enunciativa” –, e a segunda, por Pêcheux (1997:160) como correspondente “àquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito...”. As duas permitem a consideração do discurso de um sujeito, segundo a posição sócio-histórica deste último. Não se trataria, em uma análise discursiva, de observar um *corpus* como sendo produzido por um determinado sujeito, dado que os enunciadores são substituíveis.

A delimitação discursiva parece ser estabelecida mais propriamente pela posição ocupada pelo sujeito, como descreve Pêcheux (1997:160) - o sentido de

uma palavra ou expressão não existe em si mesmo, mas “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras são produzidas (isto é, reproduzidas)”, ou seja, o sentido muda “segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Visualiza-se, assim, um discurso repetível e com fronteiras bem marcadas, já que uma seqüência somente adquire sentido se relacionada à determinada formação discursiva. O sujeito é, assim, efeito do pré-construído, do já-dito que efetuam sua identificação com a formação discursiva que o determina.

Uma outra delimitação discursiva pode ser pensada para além dessa que considera a posição sócio-histórica do sujeito: a controlada pelo acontecimento.

No livro *Discurso: Estrutura ou Acontecimento*, Pêcheux descreve a constituição de um discurso como sendo dada por proposições estáveis, bem como formulações equívocas, suscetíveis de várias interpretações. Pensa-se que haja uma continuada consideração do assujeitamento do sujeito, dado que se considera, ainda, a presença de proposições estáveis. Antes, o sujeito estava assujeitado pela posição social, agora, pelo acontecimento³.

³ Acredita-se que a noção de acontecimento pode ser discutida sob três formas, que podem não ser excludentes entre si. Numa primeira, poderia ser percebida como o ato em que, numa enunciação, há a possibilidade da observação de um retorno que marca a reinscrição do já-dito, cuja circunstância de repetição já não é mais a mesma. O acontecimento é, então, único. Uma outra pode se dar quando, nessa circunstância de repetição, considera-se uma certa margem de autonomia para o sujeito, quando a este se concede a possibilidade de estar selecionando discursos que o constituirão enquanto sujeito, já que lhe é possibilitado escolher um e rejeitar outro. Em Pêcheux, talvez essa projeção se inicie com sua discussão sobre os elementos marginais e a desidentificação. Na primeira, o assujeitamento é pleno – o novo é marcado apenas pela circunstância; a segunda, depende de como se a interpreta - se nessa possibilidade de seleção, já pode haver uma certa projeção do sujeito, dá-se-lhe uma margem de autonomia; esta, é considerada presente na terceira forma. Na segunda, o modo de organização marca o novo, o movimento; na terceira, o sujeito reinscreve os traços da formação discursiva com a qual se identifica e o faz através de um trabalho, de uma produção em que se pode notar a sua projeção no discurso.

Consideram-se as condições de produção do discurso, uma estrutura, prevendo-se a interferência do acontecimento. O sujeito parece continuar como não produtor de seu discurso. A equivocidade, considerada em Análise do Discurso como própria da estrutura da língua, permite a observação do primado dessa estrutura da língua, permite a observação do primado dessa estrutura sobre o acontecimento, não trazendo muitas conseqüências para o tratamento dado ao discurso. As delimitações discursivas são discutidas como que regidas pela posição ocupada pelo sujeito, que, não sendo produtor do discurso, torna-se apenas o seu organizador, aquele que dispõe da materialidade discursiva. Assim, ele opera sobre essa materialidade, reformulando as fronteiras discursivas entre o dito e o não dito, ao selecionar um discurso e rejeitar o outro.

Esse papel de organizador se torna mais enfatizado quando se considera a inconsciência dos sujeitos envolvidos numa interação discursiva. Estes, ocupando posições pré-estabelecidas pela formação social, produzem um discurso que é um já-dito, uma vez que os mesmos constituem-se de discursos que são produzidos em condições dadas, pré-estabelecidas por uma formação discursiva, o que levaria à consideração do discurso como mera reprodução.

Essa reprodução parece permanecer ainda quando, na Análise do Discurso, discutem-se os diferentes sentidos. Palavras iguais têm significados diferentes porque se inscrevem em formações discursivas diferentes. Para Orlandi (1990:44), a palavra *terra* (se referida a um índio, a um agricultor sem terra ou a

um grande proprietário rural) tem os seus usos como dados em “condições de produção diferentes, e podem ser referidos a diferentes formações discursivas”. Os sentidos aqui, apesar de variáveis, assim como os discursos, têm a sua fronteira claramente estabelecida. Pelo exemplo, o limite se dá institucionalmente. Para a autora, “nem sujeito, nem sentidos estão completos (...). Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico...”. Ao mesmo tempo, apesar de esta abertura ser possível, esta mesma possibilidade condiciona o processo de significação, sujeitando-o à determinação, à institucionalização, à estabilização.

Os limites discursivos parecem estar sempre condicionados aos chamados limites moventes e tensos entre a paráfrase e a polissemia. A primeira dizendo da referência ao já-dito, que estabiliza; e a segunda, aos diferentes sentidos ou discursos, já que se referem a diferentes formações discursivas. Note-se, aqui, uma possível remissão ao “Discurso: Estrutura ou Acontecimento”, de Pêcheux. A estrutura, que se relaciona com a estabilização, e o acontecimento, como diferentes condições de produção – e estas não são nunca as mesmas.

Considerando cada formação discursiva como um conjunto de enunciados passíveis de serem atualizados em uma dada enunciação, a partir de um lugar determinado, o que define o lugar do dizível, e a heterogeneidade, descrita como as várias formações discursivas, o que se questiona é o grau de distinção e recuperação dessas formações.

Até que ponto as fronteiras estariam tão delimitadas, já que elas não deveriam ser tratadas como blocos homogêneos? Se o que existe não é FD1 +

FD2, e, sim, uma combinação (FD1FD2), como elas podem ser reconstruídas no jogo das diferentes formações discursivas? Pensa-se que, em Análise do Discurso, a noção de paráfrase combinada na tensão com a polissemia, determina as fronteiras dessas formações discursivas e volta-se o assunto para a questão da estrutura, considerando como ponto principal a instituição, que seria o lugar da regularidade, da normatividade que presidiria o discurso, já que possibilita a observação de dominação entre formações discursivas, quando se tem em mente estrutura ou acontecimento. Pelas discussões feitas, há sempre o primado da primeira. Considerar o assujeitamento, então, é pressupor a repetição, a reprodução - "o discurso de cada um reproduz o discurso do outro.(Pêcheux, 1997:172.).

Uma outra reflexão que se pode fazer sobre a heterogeneidade e a questão do estabelecimento de fronteiras discursivas é a do efeito da abertura - no sentido mesmo de esta abertura se ligar à incompletude do sujeito, ao sujeito inacabado, sempre constituindo - provocada por ela no espaço discursivo. Essa abertura mesma vista enquanto incompletude constitutiva do sujeito.

Quando se considera a constituição de um sujeito como passando pelo viés de um discurso inacabado, de um sujeito constituindo-se na constituição de um discurso em produção, abre-se um espaço discursivo que permite uma reflexão diferente sobre a heterogeneidade. Esta não mais pressuporia o assujeitamento pleno do sujeito, não se considerando mais, portanto, o discurso enquanto mera reprodução. A demarcação de fronteiras discursivas, antes bem delimitadas, apesar da consideração da heterogeneidade, passa a merecer uma outra

observação, já que se passa a considerar o sujeito como tendo uma certa margem de autonomia no processo discursivo.

Fernanda M. G. Lemos Silveira, em sua Dissertação de Mestrado intitulada *"Lembra quando Pêcheux dizia que os sujeitos envolvidos numa interação discursiva são plenamente assujeitados pela formação social a que pertencem? Tudo mentira."*, propõe-se a reconsiderar o assujeitamento a partir da análise de discursos publicitários que se organizam em torno de um estereótipo ideal de mulher.

Em sua dissertação, para discutir o assujeitamento, a autora considera a posição ocupada pelo sujeito publicitário. Segundo a autora, o discurso desse sujeito é condicionado em grande parte pelo público a quem é dirigido. Isto pressupõe uma antecipação por parte do sujeito das representações do receptor, sobre as quais está fundada a estratégia do discurso, o que conferiria ao sujeito uma margem de consciência com relação ao próprio discurso, ao lugar por ele ocupado e ao lugar do sujeito consumidor. Através dessa incessante produtividade, romper-se-ia com o prévio, com o dado, com o pré-estabelecido. Assim, a autora pensa possibilitar a conferência de uma certa margem de autonomia para o sujeito, não sendo este mais plenamente assujeitado. Para ela, "a instrumentalização desse sujeito, então, não implica em assujeitamento pleno, já que o próprio conceito de condições de produção se altera. O dado também é atualizado na particularidade do acontecimento." (pág. 59).

Em seu texto, alguns dados permitem a observação do movimento de deslocamento de fronteiras discursivas, apesar de sua análise considerar a

posição ocupada pelo sujeito publicitário, o que permitiria uma mesma descrição das delimitações discursivas feitas anteriormente. No entanto, o sujeito descrito pela autora está engajado no movimento discursivo: ele se constitui na constituição mesma de um discurso em produção. Ao se projetar no discurso, o sujeito acaba por reformulá-lo continuamente.

Questionar o assujeitamento, dar uma margem de autonomia para o sujeito parece reivindicar a delimitação de um espaço discursivo em que se possa analisar o discurso como sendo mais produção do que reprodução. Assim posta esta questão, parece poder se observar o discurso com delimitações muito mais movediças. Ora, em Pêcheux, as fronteiras discursivas que podem ser reformuladas pelo sujeito são apenas aquelas que separam o dito do não dito, quando este faz a seleção e a rejeição de discursos vários.

Em *Discurso: estrutura ou acontecimento*, seu autor, ao falar de deslocamento de sentidos, afirma a possibilidade de qualquer enunciado tornar-se outro, deslocando discursivamente de seu sentido e, conseqüentemente, derivando para um outro. No entanto, essa abertura feita à interpretação não é pensada, de forma alguma, como ilimitada. Existem fronteiras que são postas em jogo pelo próprio enunciado, dado que a descrição do mesmo ou “de uma seqüência coloca necessariamente em jogo (através da detecção de lugares vazios, de elipses, de negações e de interrogações, múltiplas formas de discurso relatado...) o discurso-outro como espaço virtual de leitura desse enunciado ou dessa seqüência.” (pág. 54).

O espaço de deslocamento discursivo estabelecido pelo estatuto atribuído ao acontecimento, que poderia permitir pensar o sentido para além da simples reprodução, corre o risco, segundo Pêcheux, de ser absorvido na estrutura da série, ao se inscrever um discurso em uma série, passando essa estrutura a funcionar como memória antecipadora do discurso em questão, o que levaria a um apagamento do acontecimento e à volta das delimitações discursivas descritas como que estanques em si mesmas.

O que se pode considerar como um ponto que melhor marcaria o movimento discursivo é a reflexão que faz sobre a possibilidade de desestruturação-reestruturação das redes de memória ocasionada pela simples existência do acontecimento. Acredita-se que, nesse ponto, poder-se-iam inscrever as análises do discurso publicitário realizadas por Silveira.

Para Pêcheux, ao se considerar uma certa margem de trabalho discursivo realizado pelo sujeito, mesmo que este seja atravessado por determinações inconscientes, possibilita-se uma agitação nas redes de memória, ocasionando a desestruturação-reestruturação das mesmas. Isto leva conseqüentemente a um deslocamento de fronteiras discursivas. Apesar dessa agitação sofrida pela estrutura, o autor não fala em uma possível margem de autonomia para o sujeito.

Para ele, o apagamento do acontecimento é risco que se corre sempre ao se falar de tal discurso como sendo, por exemplo, discurso publicitário. Quando este é absorvido pela estrutura, esta permanece como antecipadora. A questão que se coloca é a de que o acontecimento não é apenas absorvido pela estrutura; ele também a modifica. Pêcheux parece parar nessa capacidade de resiliência da

estrutura, não descrevendo a influência sofrida pela mesma e as transformações advindas dessa absorção

Pensa-se que, em se tratando da proposta deste trabalho - que envolve a observação de movimento discursivo-, a principal reflexão feita por Pêcheux é aquela a respeito da desestruturação/reestruturação. Através dela é possibilitado o notar da modificação do discurso. Talvez não se tenha enfatizado essa questão devido à consideração do assujeitamento pleno do sujeito. A aceitação das modificações discursivas poderia levar a outras duas observações: a de que as fronteiras discursivas são muito mais movediças do que podem ser percebidas através de Pêcheux e, também, de que considerar a mudança é considerar um trabalho do sujeito sobre o discurso.

2.1. A noção de desidentificação em Pêcheux - uma margem de autonomia para o sujeito, possibilitando uma observação de movimento discursivo?

Algumas noções presentes nos referenciais teóricos da Análise do Discurso possibilitaram uma percepção de deslocamento de fronteiras discursivas, através do observar das cesuras presentes no movimento discursivo – quando se descreve esse movimento através, apenas, da mudança de posição do sujeito. São noções como a da heterogeneidade, da polissemia, do acontecimento e do conceito de formação discursiva, bem como da consideração dos elementos marginais.

Estas noções permitem uma discussão sobre a margem de autonomia que poderia ser creditada ao sujeito - o que, conseqüentemente, pressuporia um reconsiderar do conceito de estrutura e de fronteiras discursivas. Assim como as noções de descontinuidade e de rizoma, observados nos capítulos seguintes, a noção de desidentificação parece possibilitar uma percepção mais flexível das delimitações discursivas. Essa discussão, presente no texto de Pêcheux (1997), possibilita uma referência à concessão de uma certa margem de autonomia para o sujeito, acarretando mudança nas fronteiras discursivas, o que poderia levar à observação de uma maior projeção do sujeito sobre o discurso.

Para este autor, há duas modalidades de funcionamento discursivo - a identificação e a desidentificação. Pensa-se que a maior parte de seus estudos

esteja voltada para a questão da identificação. A discussão feita até o presente momento sobre os deslocamentos discursivos está ligada a ela.

Assim parece estar apresentada essa noção em Pêcheux (1997:163) : "a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito); essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, enquanto pré-construído e processo de sustentação) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito."

Nesse trecho, o autor expõe uma correspondência entre discurso e posição ocupada pelo sujeito, considerando uma intricação entre formações discursivas e formações ideológicas - intricação essa já notada na conceituação dada por Pêcheux à expressão "formação discursiva".

A identificação do sujeito com a formação discursiva processa-se quando este incorpora elementos de um discurso outro de cuja produção não participou. Em consequência, essa reinscrição dos traços que dominam a constituição discursiva de um sujeito aparece como um já-dito, tal como expõe ORLANDI, E. (1998:190.): "Em uma formação social como a nossa, há um complexo de formações discursivas interligadas. E o sujeito ao identificar-se com uma determinada posição de sujeito, acaba por inscrever-se em uma delas, com ela estabelecendo uma relação de identidade, ao mesmo tempo que diverge, opõe-se

ou antagoniza-se com as demais posições de sujeito, próprias de outras formações discursivas."

Apesar de, nesse trecho, fazer-se referência a palavras como divergência, oposição ou antagonismo, não se pode, ainda, recuperar a noção de desidentificação - tal como discutida por Pêcheux. As divergências, oposições e antagonismos ocorrem entre uma posição e outra e não dentro da mesma posição. Assim é posta a questão da identificação.

A reflexão proposta por Pêcheux sobre a desidentificação, pode ser possibilitadora de uma certa margem de autonomia para o sujeito e, por conseguinte, levar a uma consideração de fronteiras mais flexíveis - o sujeito passaria a requerer seu espaço de produção discursiva.

Nesta segunda modalidade de funcionamento discursivo, "o sujeito da enunciação 'se volta' contra o sujeito universal por meio de uma 'tomada de posição' que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) com respeito ao que o 'sujeito universal' lhe 'dá a pensar': luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno da evidência, evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno. Essa reversão apresenta traços lingüísticos : '*aquilo que você chama crise do petróleo*' , '*suas ciências sociais*', '*tua santa virgem*' (como se alguém dissesse '*tua neurose*')". (Pêcheux, 1997:215.).

Para não creditar margem de autonomia para o sujeito, o autor considera que "o interdiscurso continua a determinar a identificação ou a contra-identificação

do sujeito com uma formação discursiva, na qual a evidência do sentido lhe é fornecida, para que ele se ligue a ela ou que a rejeite". (*Op cit*, p. 216.).

Para o autor, a desidentificação, sendo descrita como uma tomada de posição não-subjetiva, não equivaleria, por assim dizer, a um desassujeitamento - o que levaria a um repensar das fronteiras discursivas - mas a um trabalho, "a uma transformação-deslocamento da forma sujeito". (p. 217.). Para ele, o efeito da desidentificação "se realiza paradoxalmente por um processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos e de identificação com as organizações políticas de *tipo novo*". (p.217.).

Uma desidentificação, por assim dizer total, só poderia ser considerada a partir do desassujeitamento do sujeito - o que é impossível, já que se considera a presença do interdiscurso nesse processo - advindo, segundo ele, do fim da ideologia. Em esta última não desaparecendo, o que ocorre é um trabalho da forma-sujeito. Esse trabalho, produzindo deslocamento na forma-sujeito, estaria determinado pela ideologia, que funcionaria, ao mesmo tempo, sobre e contra si mesma, ocorrendo "desarranjo-rearranjo" do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas nesse complexo.)". (p.218.).

O interessante é notar como elementos marginais, portanto previstos na ideologia, produzem movimento na subjetividade, realizando o efeito de desidentificação. Um exemplo do autor: a configuração de um conhecimento transforma-se, "de modo que os enunciados que funcionavam como definições adquirem o estatuto de teoremas, ou inversamente, certos enunciados são

imputados como falsos e substituídos, resultados marginais (laterais ou acidentais) se universalizam, ou inversamente, etc,". (p.221.). O caminho reconstruído é feito retrospectivamente - os aspectos marginais já se encontram presentes, o que permite considerar um certo grau de previsibilidade.

O deslocamento acima discutido por Pêcheux parece não considerar uma certa margem de produção, que seria destinada ao sujeito, já que há esse revisitar das margens. Acredita-se que a palavra deslocamento sirva bem à discussão proposta – considerando-a como movimento entre posições ocupadas pelo sujeito.

Continua-se a pressupor uma estrutura, com posições bem definidas. Em certo momento, há a dominância de um dos seus elementos; em outro, com o deslocamento, outro elemento é que domina. Note-se que os elementos parecem ser sempre os previstos. A própria noção de estrutura, em que figuram posições definidas, que podem ser antecipadas pelo sujeito, leva a acreditar nessa previsibilidade - que se torna necessária para a própria conceituação do que seja estrutura. Este mesmo seu descrever é que possibilita a consideração de lugares de realização, que se encontram, em certo momento, em situação dominante.

Uma discussão semelhante à da desidentificação parece ser proposta por Pêcheux (1990), em seu artigo itraduzido como "Delimitações, inversões, deslocamentos" - publicado em Cadernos de Estudos Lingüísticos, no. 19.

Nele, faz-se uma discussão sobre fronteiras visíveis e invisíveis, ao se discutir a questão histórica das revoluções. Observando as revoluções como

acontecimentos históricos, propõe-se a descrever, de certo modo, como se dá o estabelecimento de fronteiras.

Perceba-se que a notação que faz dos elementos marginais, discutidos anteriormente, associa-se à discussão sobre as fronteiras visíveis e invisíveis. Em especial, há que se observar o relacionamento entre elementos marginais e fronteiras invisíveis (que, por sua vez, se relaciona a palavras como espectro, como o alhures, o não-realizado, o impossível e as diversas modalidades de ausência).

O início do texto de Pêcheux se dá com um esclarecimento - a que fará referência ao utilizar a palavra espectro:

"- a figura fantástica do espírito dos mortos, que retorna para perseguir os vivos: imagens de corpos gloriosos, convertidos em visões terrificantes de fantasmas-espantalhos atravessando a história.

"- o velho truque de fantasmagoria , destinado a produzir, para o público espectador, a ilusão de uma presença irreal, que relaciona, em cena com atores de carne e osso.

"-e também a tentação de alguma coisa como 'a análise espectral' das revoluções: a distribuição e a variação de suas colorações, bordadas de radiações invisíveis; e as faixas, brilhantes ou obscuras, as 'raias' que dividem seu campo como fronteiras, marcando nele o traço de elementos que entram em sua misteriosa composição."

O espectro, assim considerado, possibilita uma associação deste ao interdiscurso, ao já-ali-previsto, no qual podem ser observadas "as 'raias' que

dividem seu campo como fronteiras, marcando nele o traço de elementos que entram em sua misteriosa composição.” Este espectro relaciona-se a uma certa ruptura, uma cesura, na medida em que se consideram “a distribuição e a variação de suas colorações” e é visto como “a figura fantástica do espírito dos mortos, que retorna para perseguir os vivos: imagens de corpos gloriosos, convertidos em visões terrificantes de fantasmas-espantalhos atravessando a história”. Em se considerando a oposição feita entre vivos e mortos e em se relacionando esta oposição ao discurso – pensando-se em dado e novo/estrutura e acontecimento, esta “análise espectral pode levar à observação de um deslocamento de fronteiras discursivas. É sobre essas interrupções, na forma de uma 'análise espectral' que o autor se propõe a refletir sobre o acontecimento das revoluções históricas - observando alguns elementos 'espectrais' que poderiam ter levado à sua ocorrência. Analisam-se os pontos que poderiam marcar esse deslocamento discursivo - como, por exemplo, na passagem da sociedade feudal para a capitalista.

Acredita-se que as barreiras visíveis estão relacionadas com elementos dominantes. Há uma certa repetição do que todos sabem. É a demarcação do visível, do existente, do presente.

Ao comentar o deslocamento de fronteiras segundo a observação das revoluções históricas, o autor enfatiza, de certo modo, uma marcação de elementos contraditórios que estão, por assim dizer, ao mesmo tempo, dentro e fora dos mundos, dos discursos analisados. De um lado, estaria o visível, o existente, o presente - o elemento dominante; de outro, o invisível, o alhures, o

não-realizado, o impossível, as diversas modalidades de ausência (referindo-se ao 'não está', 'não está mais', 'ainda não está', 'nunca estará ') - que se associam, em retomada da questão da desidentificação, aos elementos marginais (relacionados, neste artigo, aos espectros).

Para Pêcheux, "no interior do mundo existente, a existência de uma germe revolucionário independente, presente no estado prático como uma essência certamente entravada, reprimida, dominada, mas no entanto prestes a fazer irromper (...) e a dominar, por sua vez, quando chegar o dia". Essa espécie de germe revolucionário/espectro/elemento marginal desenvolve-se sob e contra a dominação ideológica e, por conseguinte, a formação discursiva. As fronteiras visíveis estão, assim, numa relação de semelhança quando se as discute em associação à desidentificação.

No entanto, apesar da questão das fronteiras invisíveis e a desidentificação estarem associada, o movimento discursivo parece maior quando se considera a primeira. Enquanto na segunda têm-se elementos marginais, que surgem de uma tomada de posição que contesta uma determinada formação discursiva, lutando contra uma evidência ideológica, e que, no entanto, só leva a uma alternância de elementos dominantes - já que os marginais são estruturalmente previstos -, as fronteiras invisíveis permitem um outro avanço na discussão das delimitações.

Apesar de ainda se considerar a alternância e a previsibilidade dos elementos, discutem-se as transgressões de fronteiras. Essas se originam nas falhas ou rachaduras de um ritual - como, por exemplo, "não entender, ou entender errado, não 'escutar' as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de

modo errôneo; falar quando se exige silêncio; (...) mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra..." (p. 17.).

Acredita-se que as falhas aí consideradas são de maior freqüência e não simples rachaduras - são previsíveis: não há ritual sem falha. Essa previsibilidade e os efeitos provocados por essa 'rachadura' apenas provocando a alternância de elementos é o que mais incômodo provoca, já que não implica em produção discursiva.

Poder-se-ia considerar essa 'desobediência' como denotando uma certa margem de autonomia para o sujeito. Ela foge ao determinado pela formação discursiva. O discurso poderia adquirir mais flexibilidade quando do estabelecimento de fronteiras.

Estas se tornam mais flexíveis ao não se considerar a dominação de uma estrutura (que, até o momento, possibilita o estabelecimento da relação sujeito-posição ocupada), já que se começa a "se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido."(p. 17.). A resistência parece não ser apenas uma negação: ela contribui para a produção discursiva, é uma forma de transformação. Se há mudança, há novas fronteiras a serem estabelecidas.

3. Foucault e a descontinuidade: uma reflexão

Na introdução ao seu livro "Arqueologia do Saber", Michel Foucault antecipa a questão proposta para a discussão neste capítulo: "o problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite". Com essa antecipação, pretende-se fazer uma remissão a esse autor, observando como se pode perceber o estabelecimento de fronteiras discursivas, segundo as reflexões propostas em sua obra supracitada e em "A ordem do discurso".

A observação do deslocamento discursivo, segundo uma remissão feita a Foucault - o que seria inevitável quando se consideram as contribuições deste autor para a Análise do Discurso - deve-se a uma discussão que estabelece sobre a descontinuidade - que, acredita-se, possibilita a percepção do deslocamento de fronteiras discursivas.

Inicialmente, a discussão feita por Pêcheux sobre a desidentificação e sobre a sua *análise espectral* - considerando a presença de elementos marginais, de *germe revolucionário* - possibilita uma associação com a noção de descontinuidade desenvolvida por Foucault.

Segundo este autor, em sua obra Arqueologia do Saber, "para a história, em sua forma clássica, o descontínuo era, ao mesmo tempo, o dado e o impensável; o que se apresentava sob a natureza dos acontecimentos dispersos – decisões, acidentes, iniciativas, descobertas – e o que devia ser, pela análise, contornado, reduzido, apagado, para que aparecesse a continuidade dos acontecimentos. A descontinuidade era o stigma da dispersão temporal que o

historiador se encarregava de suprimir da história” . (p. 9.). Não sendo, agora, esse ponto que deve ser eliminado, a descontinuidade se torna elemento essencial na observação do movimento de deslocamento de fronteiras - o ser ela um resultado da análise histórica: através dela predispõe-se a “descobrir os limites de um processo, o ponto de inflexão de uma curva, a inversão de um movimento regulador, os limites de uma oscilação, o limiar de um funcionamento, o instante de funcionamento irregular de uma causalidade circular”. (Pág. 10.).

Pensa-se que essa análise da descontinuidade possibilita uma observação do discurso enquanto heterogeneidade, enquanto dispersão, dadas as várias posições que podem ser assumidas pelo sujeito no discurso – quando se as marca através da denotação dos “pontos de inflexão de uma curva”. A própria dispersão já refletiria a descontinuidade. Além disso, a preocupação com o “instante de funcionamento irregular de uma causalidade circular” parece fazer referência à discussão feita por Pêcheux sobre o acontecimento, se se associar essa causalidade circular à discussão feita anteriormente sobre a repetibilidade da estrutura discursiva.

A intenção, neste capítulo, é observar como essa consideração de “pontos de inflexão de uma curva”, que marcaria a descontinuidade, poderia ser relacionada à discussão proposta sobre o estabelecimento de fronteiras discursivas. Pensa-se que essa reflexão pode denotar uma demarcação mais flexível de fronteiras, do que aquela percebida em Pêcheux – já que a proposição, aqui, é de se indagar os movimentos dessa “curva” discursiva.

Inicialmente, essa repetibilidade poderia ser percebida no conceito de formação discursiva – a noção de descontinuidade equivaleria ao de dispersão do sujeito no enunciado, não sendo este sujeito nem fonte, nem origem de seu dizer. Não se discutiria o discurso enquanto remetente a uma posição social, o que quase sempre possibilita a percepção de hierarquização discursiva. A heterogeneidade continua sendo um conceito necessário para se falar da subjetividade: na constituição discursiva de um sujeito podem ser percebidas diferentes vozes – acredita-se serem essas vozes as várias “curvas”. Assim, para Foucault (1997:61), “(...) as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de *um* sujeito, manifestam sua dispersão: nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala”.

A discussão que faz sobre a descontinuidade pode ser percebida em “curvas” ainda quando descreve o que se poderia entender por sujeito: “ o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos.” (p. 107.).

Nessa linha de raciocínio, há uma necessária consideração de uma multiplicidade de vozes , que se resumiria na observação da heterogeneidade

discursiva relacionada às várias posições ocupadas pelo sujeito na série de enunciados.

A desordem parece se apresentar quando se tentam escansões maiores. Quando se tenta, após a percepção das várias posições ocupadas pelo sujeito, a escansão de uma posição em especial. Pense-se numa repartição que “ quando se desce para bases mais profundas, as escansões se tornam cada vez maiores”. (p. 3.). É nesse estágio, que parece chegar a um caos, onde já não se poderia dizer das fronteiras entre um discurso e outro, já que um parece estar disseminado na construção do outro, que se torna interessante a observação das “curvas”.

Pêcheux parece se ater exclusivamente à questão das delimitações discursivas pelas posições ocupadas pelo sujeito, ainda que as noções de elementos marginais e de contra-identificação possam se assemelhar à discussão que se pretende estabelecer sobre a questão da descontinuidade através da imagem de uma curva.

É precisamente essa imagem “curvilínea” do discurso, presente na obra de Foucault, que auxiliaria as reflexões sobre o discurso “quando se desce para bases mais profundas”. A questão das delimitações de fronteiras discursivas parece ganhar um novo contorno. Acredita-se que aqui devam ser retomadas as preocupações de Foucault para com o estabelecimento de limites, especialmente quando relacionadas ao discurso, para, posteriormente, retomar a discussão sobre as rupturas discursivas, considerando um maior número de escansões.

3.1. Limites e rupturas: alguns problemas levantados por Foucault

O termo descontinuidade, em muitas passagens da obra *A Arqueologia do Saber*, é associado a ruptura, recorte, interrupções, limiar, mutação, transformação:

“Como especificar os diferentes conceitos que permitem avaliar a descontinuidade (limiar, ruptura, corte, mutação, transformação)?” (p. 6.).

“ Paradoxal noção de descontinuidade: é, ao mesmo tempo, instrumento e objeto de pesquisa, delimita o campo de que é o efeito, permite individualizar os domínios, mas só pode ser estabelecida através da comparação desses domínios.” (p.10.).

“(…) pois o historiador se dispõe a descobrir os limites de um processo, o ponto de inflexão de uma curva, a inversão de um movimento regulador, os limites de uma oscilação, o limiar de um funcionamento, o instante de funcionamento de uma causalidade circular.” (p.10.).

“(…) não se fala da mesma descontinuidade quando se descreve um limiar epistemológico, a reversão de uma curva de população, ou a substituição de uma técnica por outra.” (p.10.).

“(…) como se fosse particularmente difícil, nesta história que os homens retraçam com suas próprias idéias e com seus próprios conhecimentos, formular uma teoria geral da descontinuidade, das séries, dos limites, das unidades, das ordens específicas, das autonomias das dependências diferenciadas.” (p.14.).

Em seu livro *A Ordem do Discurso*, Foucault assim caracteriza a descontinuidade: “(...) trata-se de cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções possíveis”. (p. 58.).

Há que se notar que a noção de descontinuidade é apenas um conceito operatório, não resultando sua utilização em algo definitivo, cabal, como está especificado na segunda citação. Tampouco far-se-á uma mesma utilização desse conceito para diferentes níveis e/ou recortes de análises, como ressalta a penúltima citação. Assim sendo, há que se associar a descontinuidade a termos como provisório e diferença (no que se refere, aqui, a uma observação da multiplicidade de níveis, de recortes, de séries, de relações).

Desse modo, pensa-se que a noção de descontinuidade possibilita uma reflexão diferente sobre as “curvas” de um discurso, dizendo também da sua provisoriedade quando da observação.

Foucault parece iniciar sua discussão sobre a descontinuidade, observando a dispersão dos sujeitos numa série de enunciados. Pensa-se que aí se inicia a sua problematização sobre a questão das delimitações discursivas.

Num primeiro momento, o problema de estabelecimento de limites residiria já no simples fato de os níveis de análises serem uma multiplicidade, cada um possuindo suas rupturas específicas. Algumas questões são, então, colocadas pelo autor: “Que estratos é preciso isolar uns dos outros? Que tipos de séries instaurar? que critérios de periodização adotar para cada uma delas? Que sistema de relações (hierarquia, dominância, escalonamento, determinação unívoca, causalidade circular) pode ser descrito entre uma e outra? Que séries de séries

podem ser estabelecidas? E em que quadro, de cronologia ampla, podem ser determinadas seqüências distintas de acontecimentos?” (p. 4.). Parece que a observação do descontínuo surge como necessária para a busca da resposta a essas suas indagações, muito embora haja uma multiplicidade de rupturas e perturbações da continuidade, que se desfazem a cada nova escansão. Há, ainda, aqui, um outro problema a ser solucionado: “ como especificar os diferentes conceitos que permitem avaliar a descontinuidade (limiar, ruptura, corte, mutação, transformação)?” (p.6.). A discussão seguinte deverá pautar-se na questão do estabelecimento de limites.

As delimitações poderiam estar sendo feitas através da retomada de algumas noções que levariam a um estabelecimento de fronteiras. São noções como as de tradição, influência, desenvolvimento e evolução, bem como mentalidade e espírito.

O primeiro conceito “visa dar uma importância temporal singular a um conjunto de fenômenos, ao mesmo tempo sucessivos e idênticos (ou, pelo menos, análogos); permite repensar a dispersão da história na forma desse conjunto; autoriza reduzir a diferença característica de qualquer começo, para retroceder, sem interrupção, na atribuição indefinida da origem; graças a ela, as novidades podem ser isoladas sobre um fundo de permanência, e seu mérito transferido para a originalidade, o gênio, a decisão própria dos indivíduos.” No entanto, há que se libertar dessas noções, visto que, da mesma forma que a noção de tradição retoma o tema da continuidade, o de influência também o faz, dizendo da causalidade, da semelhança e da repetição. O mesmo ocorre com

desenvolvimento e evolução, que retoma a continuidade através do evocar da sucessão dos acontecimentos dispersos, do seu reagrupamento através de um mesmo princípio organizador, assim como noções como mentalidade e espírito, que permitem o estabelecimento de uma comunidade de sentido entre fenômenos simultâneos ou sucessivos de uma determinada época.

Nessa parte de sua obra, parece ser discutida a noção de multiplicidade tal como proposta por Deleuze – “as multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades.”⁴

O que pode ser inferido acerca dessas noções acima, expostas por Foucault como devendo ser negligenciadas, é que, em se considerando a presença da noção de multiplicidade apresentada por Deleuze e em se fazendo uma livre associação desse conceito como o de descontinuidade, estes dois termos não se autonomizariam enquanto as relações entre o uno e o múltiplo estiverem sendo compreendidos segundo um pensamento de que do múltiplo ou descontínuo é dito expor o que o uno ou contínuo já contém, ou quando estes últimos são tomados como recolhimento do que o múltiplo ou descontínuo dele expõe.

Quando se fala em continuidade, fala-se em idêntico, em unidade, em núcleo e, em se tratando da subjetividade, em soberania do sujeito. Pautar-se em

⁴ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Volume 1. Pág.8.

noções como as de tradição, influência, por exemplo, é considerar a continuidade. Como diz Foucault, “ fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda prática são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento”. (p. 15.).

Assim sendo há que se considerar apenas o descontínuo. Os problemas de delimitações de fronteiras surgem quando se tem necessariamente que discutir termos ligado a esse descontínuo. São os já citados conceitos: limiar, ruptura, corte, mutação, transformação. Para Foucault, “as margens de um livro jamais são nítidas ou rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso a um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede.” (p.26.).

Este aspecto problemático do estabelecimento de limite poderia ser contornado através da comparação: “trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui.” (p.31.). Na obra *A Ordem do discurso*, os limites discursivos são assim estabelecidos: “(...) a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” (p.9.). A percepção da presença da estrutura pode ser notada

nessa citação. A noção de descontinuidade, de curva, de provisoriedade, de multiplicidade de recortes, discutidos pelo autor em *A Arqueologia do Saber*, é que possibilita a observação de uma “grade complexa que não cessa de se modificar”.⁵ Essa sua afirmação parece se tornar ainda mais enfática quando afirma que “É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância”. (p. 28.). Nestas duas citações há que se perceber um chamado para a renúncia da consideração do já-dito, o que já se encontra articulado, considerado prévio, que envolveria, inclusive um jamais dito. É essa consideração do pré-construído que se oporia à impossibilidade de irrupção de um acontecimento verdadeiro - tema ao qual também se deve renunciar, mesmo que não seja definitivamente, mas, para, pelo menos, “sacudir a quietude com a qual as aceitamos”. (p. 29.).

No primeiro capítulo deste trabalho, buscou-se uma reflexão sobre as delimitações discursivas através do revisitar de alguns conceitos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso. Para tanto, observou-se o tratamento que autores como Pêcheux e Orlandi, por exemplo, dão a alguns termos dessa disciplina. Na percepção final do discurso pareceu existir a marcação do mesmo segundo uma estrutura observada através da consideração de proposições

⁵ FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. P. 9.

estáveis, havendo o primado da estrutura sobre o acontecimento. Este último seria apagado quando de sua absorção pela estrutura.

As discussões feitas por Foucault podem permitir também essa mesma percepção do discurso. No entanto, acredita-se que a evocação da imagem da curva para descrever as regularidades discursivas e/ou as discontinuidades parece possibilitar uma outra visão da constituição da subjetividade, que, antes, se associaria em maior escala a uma estagnação – observada do ponto de vista da reprodução, como as discussões feitas anteriormente sobre a paráfrase e a polissemia. Ao se considerar essa imagem, há que se perceber, necessariamente, um espaço anterior à inflexão da curva. É nesse espaço que se pensa poder melhor observar o movimento discursivo. Nesse espaço poderiam estar sendo observados os chamados *elementos marginais* e a *contra-identificação*, descritos por Pêcheux. A imagem da curva permite a observação dos mesmos como pertencentes à construção da sua inflexão. É o espaço da mutação, da transformação.

Se se pode aplicar o conceito operatório da descontinuidade para se observar a dispersão dos sujeitos numa série de enunciados, marcando-a através das diversas posições ocupadas, a imagem de uma curva, considerando esse espaço anterior à sua inflexão, poderia estar auxiliando na elaboração de uma reflexão que ponderasse a possibilidade de uma relativa margem de autonomia a ser concedida ao sujeito quando da produção do seu discurso.

Há também que se observar que a parte posterior à inflexão de uma curva já indica que esta é uma imagem em desconstrução. A provisoriedade da análise

é tanto mais observada quando se atenta para esse sempre desfazer. Quando se observa um discurso como que constituído por curvas, as partes anterior e posterior à inflexão denotariam um espaço de produção e, ao mesmo tempo, de desconstrução.

4. E um discurso rizomático⁶...? – considerações sobre limites e territorializações

Lendo-se a obra *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia* – de Gilles Deleuze e Felix Guattari, composta de cinco volumes, parece ser possível a percepção de um maior movimento discursivo quando se considera a forma de um rizoma para a organização discursiva.

Assim, neste capítulo, procurar-se-á discutir as reflexões feitas anteriormente sobre fronteiras, fazendo referência a termos utilizados pelos autores citados acima – como multiplicidade, rizoma, territorialização, reterritorialização e heterogênesse -, buscando refletir sobre como num texto pode ser possibilitada a demarcação de fronteiras discursivas, considerando a heterogeneidade constitutiva de um sujeito.

Orlandi, L. B. (1987:35)⁷, observando as mútuas pressuposições que os textos de Foucault e Deleuze parecem manter entre si, afirma que “convém pensar a palavra multiplicidade presente nestes textos pelo menos como exemplo de uma inserção de coleções, trabalhada por dissonâncias, cada qual fazendo cursar a seu modo o palavreado do outro por novos giros desviantes, como se as entrelinhas fossem vias de fuga para sinais ainda não anotados de acordos e desacordos, tudo isto numa atmosfera de trabalho diferenciando pontos e não de

⁶ Obra consultada: DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. V. 1
⁷ ORLANDI, L. B. *Do enunciado em Foucault à teoria da multiplicidade em Deleuze*. In: TRONCA, Ítalo. (org.). *Foucault vivo*. Campinas-SP: Pontes, 1987

associação para instaurar um significante institucional e despótico que os envolvesse numa comunidade espiritual ou numa central de intrigas.”

Acredita-se que essa observação do modo como opera a multiplicidade em um discurso feita por Orlandi parece ser um modelo de análise discursiva em que se pressupõe um sujeito considerado enquanto multiplicidades. Nela, nota-se uma dimensão bakhtiniana, a constitutividade de um pelo ‘palavreado do outro’, apesar de existirem ‘novos giros desviantes’, em que as entrelinhas passam a ser ‘vias de fuga’. O interessante é notar que os discursos, apesar de pressupostos, se constroem ‘diferenciando pontos’ levando a considerar a pressuposição, que se poderia ter como indício de semelhança, marcada pela diferença, não desembocando numa ‘central de intrigas’- o que poderia evidenciar uma contradição e evidenciar um princípio de identidade -, nem tampouco numa emergência de uma ‘comunidade espiritual’ – a palavra comunidade poderia remeter à ‘comum unidade’, ao uno, à totalização. Assim, pensa-se que se pode perceber uma análise discursiva, segundo o princípio da multiplicidade.

Acredita-se que a elaboração do conceito de multiplicidade, tal como proposta por Deleuze, possibilita pontos de deriva, dos quais advêm livremente as reflexões propostas, neste trabalho, sobre o sujeito e o discurso

Este autor também fala sobre descontinuidade: “ o pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada. O que se chama equivocadamente de ‘ dendritos’ não assegura uma conexão dos neurônios num tecido contínuo. A descontinuidade das células, o papel dos axônios, o funcionamento das sinapses, a existência de microfendas sinápticas, o

salto de cada mensagem por cima destas fendas fazem do cérebro uma multiplicidade que, no seu plano de consistência ou em sua articulação, banha todo um sistema probabilístico incerto, *un certain nervous system*.”⁸ Há, também, descontinuidade nos rizomas.

Faz-se necessário, inicialmente, buscar uma exposição do que se percebeu sobre uma constituição rizomática e como foi associada a sujeito e discurso, para uma posterior comparação entre curva e rizoma.

Este último tem a sua descrição através da apresentação de suas formas: “o rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos.” (p.15.). Ao contrário do diagrama arborescente de Chomsky, que tem um ponto, uma ordem fixados num S, a partir do qual os outros se conectam por dicotomia, o que caracterizaria o rizoma é justamente a ausência desse ponto de ordem quando da conexão de qualquer ponto a qualquer outro. Para Deleuze & Guattari, “não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas”. (p.17.).

Em vários aspectos, a discussão que Foucault faz sobre a descontinuidade se aproxima dessa estabelecida por Deleuze & Guattari sobre rizoma e multiplicidade. As renúncias que ele propõe quando tenta descrever o descontínuo, renegando qualquer apego a conceitos que de alguma forma retomem o tema da continuidade – como as noções de tradição, influência, evolução, desenvolvimento, mentalidade e espírito – parecem estar estreitamente

⁸ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Mil Platôs. *Capitalismo e Esquizofrenia*. V. 1. P. 25.

relacionadas à tentativa que fazem os dois autores já citados de mostrar que o uno somente faz parte do múltiplo quando está subtraído dele. Quando de alguma forma subjaz a idéia de unidade, far-se-á, sempre, uma referência ao contínuo. É essa subtração do uno junto ao múltiplo que caracteriza o rizoma e se aproxima das reflexões foucaultianas sobre a descontinuidade.

No entanto, a liberdade que Deleuze & Guattari imprimem ao seu modelo de rizoma parece estar em grau maior do que a que Foucault estabelece para a descontinuidade. Existem pontos e posições a serem considerados. Acredita-se que essa seja a diferença entre os autores.

A possibilidade múltipla de conexão, a inexistência de pontos e posições em se considerando escansões mais profundas de um discurso parece poder levar a uma consideração final do mesmo enquanto desordem, enquanto caos. As dimensões do mesmo não cessariam de se multiplicar e de mudar de natureza. Como, então se poderia definir as multiplicidades constitutivas de um discurso, diante de tantas variedades de medidas? A resposta parece estar no exterior: “ as multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (p.17.). É a utilização da noção de comparação presente no texto de Foucault, que parece ser proposta quando se pretende delimitar o descontínuo.

A descontinuidade discutida por Foucault se assemelha à dos dois autores na medida em que para Deleuze & Guattari, “todo rizoma compreende linhas de segmentaridade, segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende linhas de desterritorialização pelas

quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras". (p. 18.). Essa linha de fuga permite uma referência a uma flexibilidade maior das fronteiras. Com essa linha, pode-se fazer uma remissão a Pêcheux quando neste se percebe o movimento pela mudança das posições ocupadas, pela alteração dos papéis sociais desempenhados pelo sujeito. Essa mesma linha possibilita, também, uma referência a Foucault. Seja quando este fala do ponto de inflexão de uma curva – onde se perceberiam as regularidades –, seja quando possibilita a discussão feita no capítulo anterior sobre a descontinuidade.

Pensa-se que essa discussão percebida na obra *Arqueologia do Saber* se assemelha à de Deleuze, na medida em que se considere que esta linha de fuga faz parte do rizoma, faz parte da curva – há o desfazer-se e o refazer-se continuamente. Para Deleuze e Guattari, pode-se fazer uma ruptura, traçar uma linha de fuga, mas correr-se-á sempre o risco de reencontrar nela organizações que possibilitam a reestratificação do conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito. Este, assim considerado, produz rizomas por heterogeneidade e não por imitação ou semelhança. Do mesmo modo parece ser estabelecida a discussão sobre a descontinuidade, em se observando Foucault. Há que se considerar uma negação da continuidade – quando se nega a imitação e a semelhança –, sendo possibilitada uma percepção da imagem de uma curva – que comportaria em si mesma um espaço de elaboração discursiva a ser concedido ao sujeito e, ao

mesmo tempo, um espaço em que esta elaboração parece se desfazer. É o espaço da desterritorialização.

Considerem-se duas observações: primeiramente, pensa-se que seja possível uma observação de linhas de segmentaridade, segundo as quais um sujeito é territorializado; em segundo lugar, a negação da continuidade discutida por Foucault. Isto levaria à observação de uma formação discursiva em que se percebe o perpassar pelo outro - já que existe a possibilidade de estratificação -, e uma certa forma de trabalho, de produção que promove a diferenciação do discurso, pela comparação do mesmo com outros discursos que dele se aproximam. Isto leva a uma percepção do discurso como estando em constante movimento, não sendo simples representação, repetição.

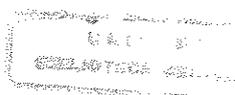
Pensar o sujeito enquanto constitutivamente heterogêneo leva a uma inquietação diante da necessidade de (de)limitação de fronteiras discursivas. Estas se inviabilizam se o seu estabelecimento se der através da delimitação de espaços discursivos individualizados, estanques, unificados, o que pode levar a um questionamento do conceito de multiplicidade. Se uma das características do rizoma é a subtração do uno, como explicar espaços estanques para um discurso - o que retoma o tema da continuidade -, se esses não contiverem em si as linhas de fuga e a possibilidade de serem retomados em um outro ponto qualquer?

A imagem da curva possibilita a observação de um limite discursivo que lembraria uma hierarquização, aquilo que mantém a coisa sob uma lei, terminando-a ou separando-a das outras. O rizoma parece poder possibilitar uma observação do discurso, considerando aquilo a partir do que ele se desenvolve em

toda a sua potência. Isto porque tudo pode ser conectado a tudo e, ainda, conter em si movimentos de desterritorialização, linhas de fuga.

Até aqui, parece ser possibilitada, ainda, a observação do tema do estruturalismo, da repetição; no entanto, quando se afirma que o discurso é, assim, tecido de agenciamentos de linhas que entram na constituição de um sujeito, nota-se o diferente. Os agenciamentos feitos o tornam único; não uno, mas singular.

Analisando a subjetividade, a partir desse princípio de multiplicidade, que em si não tem sujeito nem objeto, dado que não há evidência que possibilite uma descrição completa de suas linhas, mesmo porque só se consegue fazer uma observação, no meio, não atingindo nem o começo ou o fim – considera-se a subtração do uno e a capacidade infinita de ramificação do rizoma-, o sujeito, constituído por essas múltiplas fibras nervosas pode mudar de natureza, à medida que aumenta suas conexões, com multiplicidades outras, com linhas de fuga que o desterritorializam e, conseqüentemente, o reterritorializam. Para Deleuze, “é ao aumentar, através de suas multiplicidades, sua desterritorialização, isto é, sua ocupação em inter-relação com um novo espaço, que o sujeito abre para si a chance de territorializar-se, de aumentar seu corpo, e o espaço que este ocupa, de fazer seu este novo espaço, de fazer-se nesse novo espaço, já que sua territorialização é, ao mesmo tempo, seu próprio corpo e seu próprio espaço”; ou seja, adquire-se um verdadeiro nome, territorializa-se “no fim do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o



atravessam de lado a lado, às intenções que os percorrem” (*apud* L. B. Orlandi: 1987:35), quando os agenciamentos o tornam singular.

Como os discursos ampliam seu território em vários campos, a cada contato discursivo, rompendo delimitações, estabelecendo constantemente zonas fronteiriças diferentes, acredita-se, aqui, que num discurso há experimentos de agenciamentos e dispositivos que levam o mesmo a ampliar uma fronteira discursiva através da interpretação que o sujeito faz dos outros discursos com que entra em contato. Assim, analisar um discurso é observar rastros dentre outros discursos, o que somente é possibilitado através de um corte no tecido do mesmo. Em lugar de delimitações definidas, demarcadas, encerrando unidades simétricas entre sujeitos e discursos, este último passa a se assemelhar muito mais a uma organização que se estende sem limites, onde há intercâmbio e circulação constante de elementos, onde nenhum elemento é definível de maneira absoluta.

Numa análise, pode tornar-se perceptível a proposição de se considerar um discurso como sendo um entidade autônoma, como se ele fosse constituído essencialmente, de dependências internas. Assim, a sua análise permite separar, muitas vezes, partes que se condicionam reciprocamente, dependendo cada uma da outra. Observa-se, neste tipo de análise a existência de uma rede de dependências, onde os discursos constitutivos de um sujeito podem ser considerados uns em função dos outros. No entanto, o que se pode dizer é que o discurso se territorializa diferentemente a cada aumento do seu corpo, o que permite a consideração da abertura para uma próxima reterritorialização, para novas linhas.

Guattari, em seu livro *Caosmose*, diz que há uma necessidade de se “ênfatizar cada vez a subjetividade enquanto produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais”. Isto leva à observação do entrecruzamento dessas instâncias na produção de subjetividades. Acredita-se que, mesmo Foucault falando do cerceamento sofrido pelas práticas discursivas, abordando os procedimentos que delimitam e controlam os discursos na sociedade – a produção do discurso é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade” - , ele deixa entrever um certo descontrole desses procedimentos ao dizer do princípio da descontinuidade, como sendo “cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções possíveis”. É a linha de fuga, tratada por Deleuze. Assim, uma formação discursiva pode não determinar completamente o que pode e o que não pode ser dito a partir de uma posição social dada.

5. Uma observação do limites marginais e da desidentificação

Estes dois capítulos seguintes são apresentados com a proposição de se poder observar as rupturas, as linhas que formam uma segmentariedade, as noções de desterritorializações, reterritorializações, descontinuidades, multiplicidades. Devem servir apenas como uma ilustração, através da qual se poderiam observar os conceitos utilizados por Pêcheux, Deleuze e Foucault. O eixo teórico para a realização das mesmas pendeu mais para a análise de conteúdo, importando mais os valores que o informante põe na sua fala, pelo que ela diz, do que pelo como diz.

Para tanto, escolheram-se dois discursos que em princípio parecem se distanciar quando da observação dos mesmos segundo os conceitos citados acima.

No primeiro apresentado, tão múltiplas são as linhas e tão distanciadas estão entre si, que se poderia afirmar que este é um bom exemplo do que seja a multiplicidade – considerando-se esta como sendo subtraída do uno. O segundo discurso observado apresenta linhas que mais se aproximam do que se distanciam ou se desterritorializam.

Duas considerações iniciais sobre os mesmos podem ser assim postas:

- a. o de número 1 apresenta um grau maior de despersonalização, de desterritorializações várias, com um grau maior de distanciamento entre os estratos que o constituem. As conexões parecem ser estabelecidas com um grau maior de resistência.

- b. O de número 2 parece poder possibilitar a observação de um grau maior de aproximação entre as linhas que o constituem. Existem linhas de fuga. No entanto, estas parecem poder ser retomadas através de uma conexão com um grau muito mais favorável em relação ao ponto a que se conecta.

Poder-se-ia afirmar preliminarmente que, em se tratando da existência de linhas de fuga que mais se distanciam do que se aproximam, a parcela de autonomia do sujeito, com sua projeção na produção de um discurso, seria maior do que no segundo discurso observado? Como diz Deleuze, “quando há apenas meio e entremeios, quando as palavras e as coisas abrem-se ao meio sem nunca coincidirem, é para liberar forças que vêm do lado de fora e que só existem em estado de agitação, de mistura, e de recombinação, de mutação. Na verdade, trata-se de lances de dados, porque pensar é emitir um lance de dados”⁹.

Parece ser essa uma possível conclusão para o exercício de despersonalização que tornaria um discurso singular.

No segundo discurso, essa atividade de despersonalização parece não ser tão intenso, resultando em repetibilidade e reprodução.

Pêcheux (1997 e 1990) analisou o discurso enquanto possibilitador de observação de pontos de resistência e revolta que podem se apresentar sob a dominação ideológica. No artigo de 1990, ele o faz observando as revoluções como acontecimentos históricos. Para tanto, descreve elementos – uma análise

que chamou de “análise espectral das revoluções” -, jogando com fronteiras visíveis e invisíveis.

Para se tentar observar a desidentificação, que é uma segunda modalidade de funcionamento discursivo segundo Pêcheux, analisou-se um texto em que não apenas parecem ser dissonantes as vozes nele presentes, mas em que também se percebe uma contra-identificação do sujeito com uma formação discursiva que seria dominante. Ao mesmo tempo, há sempre um movimento de identificação. É como se fossem (des)identificações. As duas modalidades presentes em um só discurso.

O texto a seguir, em que se observou o funcionamento discursivo através da desidentificação, pertence a uma mulher de 60 anos, solteira, bibliotecária, natural de São Paulo, que concedeu uma entrevista a um documentador do Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Urbana Lingüística Culta de São Paulo), com data de registro de 18/10/1974. O tema da conversa desenrola-se em torno de instituições: a escola, a igreja. O texto encontra-se impresso no volume III – entrevistas (diálogos entre informante e documentador), organizado por Dino Pretti e Hudinilson Urbano, páginas 148-164. O texto em exame pertence a uma pessoa que iniciou seus estudos em uma escola particular – o Mackenzie -, nela se formou, trabalhou como professora, e, depois, já aposentada, nela continuou como bibliotecária.

Pressupondo os referenciais teóricos da Análise do Discurso, pode-se dizer que algumas marcas ideológicas e socioculturais interpretáveis na construção da

⁹ DELEUZE, G. Foucault. (1995.94.).

identidade são observadas através da análise do discurso em questão, em que se pode notar que este é atravessado pelo discurso legitimado pela escola; é um discurso produzido num contexto em que o sujeito é falado do lugar que pensa ocupar e, portanto, deveria obedecer a critérios legitimamente instituídos por sua posição ocupada.

O início da entrevista dá-se com as repetições várias do nome do colégio ao qual pertenceu e pertence – o Mackenzie – o que possibilitaria a percepção da inscrição em uma formação discursiva - uma identificação, o que poderia levar a uma observação de deslocamento de fronteira discursiva, ao longo da entrevista

No texto da entrevista, há uma relevância da observação da presença do silêncio neste texto, na medida em que possibilita a percepção de ressonâncias interdiscursivas de significação. O silêncio, aqui, não é vazio que produz sentidos que não são captáveis pelos dizeres. É através da observação do silenciamento que a autora faz das qualidades brasileiras positivas que se podem avaliar alguns aspectos constitutivos da formação discursiva deste sujeito, quando esta quase não se atém às referências ao seu país, às instituições e a profissionais a ele pertencentes.

No discurso deste sujeito, pode-se perceber uma forma de desidentificação do seu discurso em relação à sua formação discursiva tida como originária, uma certa dissonância de linhas que são constitutivas de sua identidade. A sua identificação pode ser marcada através da observância de fios de dizeres brasileiros e americanos, notando-se uma certa ênfase neste último, através da

valoração dos fatos americanos, iniciando-se com a qualificação do lugar em que recebeu instrução.

Em seu discurso, percebe-se a simpatia com que a pessoa percebe a cultura americana, valorizando-a através dos cursos por ela realizados:

1. *“...eu fui para um colégio de orientação americana...”*

2. *“...com um ano e meio.. de.. estudo particular... eu já pude entrar... no curso de admissão da escola americana... que pertencia ao Instituto Mackenzie... naquele tempo Mackenzie College”.*

3. *“... terminei todo curso secundário... no Mackenzie... fiz um curso normal:: do.. próprio Instituto Mackenzie...que era um curso diferente dos nossos aqui do Brasil... porque era um curso de... americano...”*

4. *“... eu tive uma oportunidade excelente no meu último ano de curso normal... que foi trabalhá/trabalhar algumas horas num departamento de atividades extracurriculares... dirigido por Da. Noemi Silveira que havia chegado dos Estados Unidos... com idéias completamente novas...”.*

O que chama a atenção nesta fala anterior é o silenciamento da descrição dos cursos brasileiros. O adjetivo atribuído ao curso indica a origem do mesmo, não necessitando detalhes maiores para que se faça a interpretação a respeito da qualidade do curso. Sua procedência a indica. Qualificação que também aparece na avaliação positiva que faz das obras estrangeiras:

5. *“...a biblioteca do Mackenzie... tinha um acervo MUlto grande... de obras estrangeiras... quer dizer além de ter todas as nacionais ainda tinha... estrangeiras... de maneira que eu fiz um levantamento...”*

Da mesma forma, o curso de que era aluna só se manteve em nível de excelente, segundo ela, enquanto o programa utilizado no desenvolvimento do mesmo era um programa americano, formando-se, neste período, os chamados grandes nomes:

6. *“... o Mackenzie tinha um curso EXcelente... e:: pró::prio... porque nós não estávamos ainda com obrigatoriedade de programas..”*

Há uma importância extrema atribuída à qualidade do curso promovido pelo Mackenzie, que seguia os moldes americanos. Até então os programas oficiais não eram determinados pelo governo brasileiro. O silenciamento promovido frente aos outros cursos brasileiros leva à sua inferiorização em relação ao americano. A única informação dada é que eles não tinham também a obrigatoriedade de programas. Assim,

7. *“...era um curso tão bom... que... quando nós terminávamos o curso secundário... nós poderíamos entrar diREtamente na escola de engenharia ou de Arquitetura sem fazer vestibular... isto todos os meus colegas entraram assim... e*

GRANdes nomes da nossa engenharia e da nossa arquitetura... foram de pessoas que fizeram esse curso...”.

Todas as descrições do Mackenzie antigo, que era considerado como um segundo lar pelos seus alunos, inclusive por ela, levam à constatação, mais uma vez, da valorização de uma cultura com a qual entrou em contato. A idéia de identificar o grupo como possuindo laços que uniam os seus congregados denota a familiarização desta pessoa com esta comunidade, indica o seu querer pertencer a ela, havendo, assim, uma certa assunção de suas demandas específicas, de seus desejos, próprios da língua com que conviveu.

8. *“... isso pra mostrar que havia um esPÍ::rito mackenzista né?”*

9. *“... e EStE então antigamente existia MUlto mais FORte porque... ah... o grupo era menor... todo mundo se conhecia... havia bastante amizade e tal...”*

Quanto ao Brasil, através das qualificações que ela atribui aos programas oficiais brasileiros, aos cursos brasileiros, pode-se perceber a visão que dele ela tem:

10. *“...eram realmente excelente... como eu disse... depois:: surgiram os programas... como nós conhecemos ahn... oficiais... e a escola teve que se enquadrar...”*

Considerando que metodistas e batistas são maioria nos Estados Unidos e era este o tipo de religião que o grupo mackenzista, de uma forma ou de outra, apregoava, pode-se perceber que o presbiterianismo, difundido por aquele grupo americano através de cultos diários realizados, é avaliado positivamente pela falante, o que possibilita a observação de uma valoração da cultura americana em relação à brasileira, que, em termos religiosos, é, em sua maioria, católica. Comparem-se os trechos em que o sujeito fala sobre o presbiterianismo e sobre o catolicismo:

11. *“... ahn... eu conheço bastante... não só a respeito do presbiterianismo... como dos metodistas... dos batistas... porque eu tenho GRANdes amigos nessas... religiões... e tenho observado... ahn muito não só maneira de pensar... como a interpretação que eles dão não é?”*

12. *“... o que havia era um culto diário... o que aliás era muito bom*

13. *(na católica)“...não estou assim ahn... integrada... entende? Nesta representação não é? Especialmente atualmente que eu acho que os representantes... têm falhado muito... de acordo com meu desejo... quer dizer eles não estão sendo como eu desejaria que eles fossem...”*

14. *“(sobre a católica)“... porque uma das coisas que eu não acho que foi bom... foi aquele exagero que começou haver de modernismo...com relação a músicas e tudo mais... um exagero que não combinava com o ambiente...”*

Note-se que a percepção da preferência pessoal da falante pelos EUA não é dita expressamente no texto. Pode-se ver que o silenciamento que a autora faz acerca de seu país, topicalizando sua entrevista com o tema EUA, através das descrições que faz acerca do Colégio Mackenzie, representante no texto de toda uma cultura americana, leva à verificação de uma formação discursiva que é atravessada pelo discurso próprio de outrem.

A ex-professora evidencia um comprometimento com uma formação discursiva com que esteve em contato e que passa a estabilizar alguns rastros de ressonâncias a ela concernentes através de sua linguagem, lugar em que elas se tornam perceptíveis, disseminando-se no movimento do discurso desse sujeito. De uma certa forma, a identificação deste sujeito com um outro discurso levou-a à sua identificação parcial com este outro processo de significação, o que leva a uma manutenção de certas partículas desse discurso. Este seu discurso remete a outros, sendo o lugar a que esteve ligado delimitador de seu discurso. Pode-se dizer que houve, aí, um deslocamento da fronteira do discurso, que se estendeu para junto dos domínios do americano. No contato com essa outra formação discursiva, estabeleceu-se o deslocamento do seu espaço discursivo, definindo-se nos limites/fronteiras do Outro, uma fronteira de palavras que são tidas como próprias, mas que são concomitantemente palavras do outro. É assim que nesta análise se observa o dialogismo, termo tal como empregado por Bakhtin – onde as palavras de um são atravessadas pelas dos outros, revelando-se o fato de que o discurso assumido superou os limites que se esperava poder interpretar segundo

a comunidade em que nasceu, mas que se ligam ao grupo pelo qual se deu sua formação discursiva.

Neste texto, pode-se dizer que o sujeito se sentiu interpelado quanto à sua nacionalidade, quanto à sua profissão e quanto à sua religião. São, de início, três discursos, três linhas, portanto, que poderão ser percebidas nessa sua entrevista. São as primeiras escansões. Essas três linhas estão constituídas por um número de tantas outras. Buscando a exposição das mesmas, espera-se poder observar o descontínuo, as multiplicidades, as posições sociais. Os agenciamentos feitos para a construção de cada um deles são diferentes:

Quanto à sua nacionalidade, além do jogo de identificações já mencionado, percebem-se **linhas americanas e brasileiras** na sua produção. Há uma flutuação na identificação com o uso dos pronomes nós/nossos, que ora se referem ao sujeito enquanto brasileiro, ora se referem ao sujeito enquanto parte do grupo americano:

... Era um curso diferente dos nossos aqui do Brasil... porque era um curso de americano...

... O Mackenzie tinha um curso excelente... e próprio... porque nós não estávamos ainda com obrigatoriedade de programas... não só no Mackenzie como em outros colégios... e o programa que nós seguimos... no Mackenzie... era um programa tão bom que...

Quanto à **linha profissional**, vários são os discursos que se podem perceber para a sua constituição:

Discurso do divulgador científico (aquele que deseja transmitir informações objetivas através da divulgação do livro didático):

“... e... eu fui lecionar nesta éh... esta cadeira na escola de comércio do Instituto Mackenzie... e LÁ:: eu senti a falta... de um material... de um texto... por assim dizer... para que... os alunos tivessem uma ba::se para aquela cadeira... porque é lógico que nós hoje não nos preocupamos... em fazer o ensino... baseado apenas em um texto... mas:: as alunas não tinham possibilidade... de encontrar... quando perdiam uma aula um... uma::... orientação segura daquilo que havia sido dado na aula anterior... porquanto os livros que nós tínhamos de biblioteconomia... eram especializados nas diferentes matérias então elas teriam que ler muita coisa para obter alguma informação sobre a aula dada...”

Discurso do ensino profissionalizante

“...é::... o que não era direito... também porque... aqueles livros estavam ahn... éh... destiNAdos a que estavam se preparando prum curso mais desenvolvido e não... um curso modesto... como era aquele... e::...”

“...Nós estamos vendo o ensino profissionalizante... a preocupação... da profissionalizante... e isto... já... foi o início... colocar uma cadeira ... que pudesse preparar... não naturalmente bibliotecários... porque para isso seria necessário

uma formação universitária... mas preparar pessoas que pudessem trabalhar em biblioteca...”

“... o que não era direito... também porque... aqueles livros estavam ahn... éh... destinados a que estavam se preparando prum curso mais desenvolvido e não... um curso modesto... como era aquele...”

“... Para outras pessoas que quisessem também ter uma orientação sobre o arquivo e uma orientação sobre biblioteca... sem propriamente fazer uma escola de biblioteconomia...”

Discurso de Bibliotecária

“... Além disso... eu fiz uma tabela para... guardarem-se livros... classificados pela biblioteca justamente porque... até então só se usava no Brasil ahn... tabela americana todos os... as identificações de autores em biblioteca... eram feitas de acordo com tabelas americanas... e... então eu fiz uma tabela... examinando a frequência dos sobrenomes nas nossas bibliotecas... não só... observando a frequência dos nomes brasileiros mas de todos os nomes e... isto foi muito interessante porque... a biblioteca do Mackenzie... tinha um acervo muito grande... de obras estrangeiras... quer dizer além de ter todas as nacionais ainda tinha... estrangeiras... de maneira que eu fiz um levantamento... da frequência de

combinação de letras... e pudemos... então... lançar esta tabela... FA... para identificação de autores nas bibliotecas...”

Discurso do magistério

“... os professores antigamente se dedicavam mais aos alunos... porque em geral eles eram professores de poucos colégios... e então os trabalhos que nós tínhamos que fazer... e que os professores corrigiam... porque tinham tempo para isso... é claro... que ao serem desenvolvidos os alunos... os alunos aproveitavam muito mais... viam todos os erros cometidos... comentavam-se os erros dos colegas... e com isso nós todos podíamos ter um resultado muito melhor... do nosso estudo... Hoje... nós vemos um quadro completamente diferente... não no Mackenzie só... mas em todos os estabelecimentos de ensino... vemos classes superlotadas... professores com... não podem se manter com... dando poucas aulas né? A situação financeira obriga o professor a dar muitas aulas... então ele não pode fazer as correções dos trabalhos dos alunos como eram feitas antigamente... de maneira que o ensino sofre... uma porção de influências más... nós vemos a uma...estamos atravessando uma era utilitarista... todo mundo está sempre procurando obter o máximo de rendimento... quer dizer... é um defeito... que não... não é do professor... mas é de todo o humano hoje não é? Nós sentimos esse problema em todos os ahh... em todas as atividades... de maneira que hoje... eu acho que o ensino... piorou... nesse sentido... e... estamos vendo mesmo campanhas para melhorar... opiniões de ministros de educação

discussão sobre... a situação do ensino... quer dizer que isso... não podemos ahn... determinar que seja este ou aquele defeito... mas é... a consequência de uma porção de fatores negativos... mas que naturalmente nós podemos cada um especialmente dos... ahn... na sua... área...poderá fazer um esforço para reduzir esse prejuízo...”

“... o ensino era melhor por isso... porque nós tínhamos aquela possibilidade de ter os professores que se dedicavam muito mais do que hoje...; porque eles não podem se dedicar... não estou acusando... eu também sou professora... e também vejo o problema como é...”

“... é preciso desenvolver muito nos professores... é a.. o.. vamos dizer.... o trabalho de motivar sos alunos... para que eles aproveitem tudo isso que eles tem... todas essas chances... e que possam gozar e aproveitar... tirar partido... porque infelizmente a gente vê ainda uma grande preocupação ... de aluno que está querendo apenas passar de ano... quer dizer... passar de ano... obter nota... já fechou uma... a ... tal matéria... já fechou aquela matéria... sem essa preocupação... mas há muitos que se aproveitam e se preocupam... quer dizer... o nosso trabalho deve ser justamente o de motivar esse elemento estudantil...”

Quanto à sua **religião**, várias linhas discursivas podem ser percebidas:

Discurso ecumênico (não pertencer a uma igreja integralmente)

“... Hoje quando eu vejo o ecumenismo... aqui... entre as igrejas... eu vejo que nós fomos precursores disso num é? Porque lá cada um continuou com sua religião... e ouvia aquele trecho da bíblia...”

Discurso do católico independente:

“... eu sou uma má católica... porque eu não freqüento assim... a igreja com regularidade...”

“... porque eu não estou assim... tão integrada... entende? Nesta representação não é?”

“... porque eu não vi que nenhuma fosse melhor que a outra...”

Um outro questionamento ainda pode ser estabelecido sobre o discurso apresentado. É certo que na construção do mesmo podem ser percebidas várias territorializações, várias descontinuidades. Poder-se-ia dizer que apresenta um severo exercício de despersonalização através das desidentificações elencadas sobre o texto, através da explosão de séries heterogêneas nas várias linhas de fuga desse discurso/rizoma?

6. Das identificações e reterritorializações

Como sujeito de uma segunda análise, tem-se uma mulher de 34 anos, solteira, professora primária, natural de São Paulo, que também concedeu uma entrevista a um documentador do Projeto NURC (Projeto de Estudo na Norma Urbana Lingüística Culta de São Paulo), com data de registro de 08/11/1974. O tema da conversa se desenrola em torno de profissões e ofícios.

Neste discurso, pode-se observar como o sujeito interpreta o letramento. Como pertencente a uma formação discursiva de letrados, pode-se perceber a oposição que faz entre letrados e iletrados ou menos letrados, trabalho braçal e trabalho intelectual. Em certos momentos, seu discurso apresentará uma linha conflitante que pode ser comparada com as regularidades que possibilitam a sua percepção enquanto letrada.

Assim, nesta análise, propõe-se o estabelecimento de uma descrição das representações identitárias relacionadas à escolarização no discurso de uma professora primária. Observar-se-á como esse sujeito interpreta o letramento numa de suas práticas discursivas. A realização do estudo se dará através de uma análise discursiva. Nela, examinar-se-ão as regularidades da prática discursiva de um sujeito, considerado enquanto letrado.

No discurso analisado, pertencente a uma professora primária e que, no momento, exercia a função de orientadora educacional, é perceptível um princípio de marginalização que a sociedade letrada impõe aos iletrados. Há procedimentos dentro de sua prática social que cerceiam o seu discurso, (de)limitando-o dentro

do discurso de um sujeito letrado.

Pode-se começar a análise, observando como a entrevistada descreve a valoração das profissões:

“...agora as profissões mais valorizadas eu acho que hoje em dia e sempre... na minha opinião... (foram) a a profissão de médico engenheiro advogaDo... arquiteto... uma profissão por exemplo que eu acho... Totalmente desvalorizada hoje é de professora primária...professora primária (é) ela é TOtalmente desvalorizAda inclusive o nível .. o:.... nível cultural dela é considerado nível cultural baixo uma pessoa que tem curso normal hoje SÓ... é considerada assim de nível o.. BAixo inclusive EU senti isso.. que sou uma normalista ... é por isso que EU... procurei fazer outros cursos entendeu? .éh eu acho que é totalmente desvalorizada ... então hoje valorizado é um mé::dico um engenhe: iro um advogado um arquiteto... inclusive eu acho que essa... por isso que as mulheres partem enten/_entenderam_prum... (ou) pra serem advogaDas engenheiras arquitetas coisa que a gente não encontrava há tempos atrás é por causa da valorizaÇÃO... do. da profissão que professora primária secretária eu acho ... TOtalmente des/... eu não... mas acontece que o Pessoal em geral desvaloriza totalmente né? ((pigarreou)).” (p.59-60.).

Note-se que há uma ênfase na desvalorização feita por outras pessoas à profissão de professora primária. Ela, por ser uma normalista, não poderia ser julgada como tendo nível cultural baixo. Há, aí, um silenciamento acerca do

iletrado que possibilita dizer da sua inferiorização. Se ela, com um pouco de estudo já está sendo desvalorizada, imagine-se o iletrado. Vendo-se nos outros e, conseqüentemente, sentindo-se desvalorizada, ela parte para o aperfeiçoamento; faz mais cursos. A entrevistada pensa que mais estudo proporcionará a ela mais valorização. É o pensamento elitista acerca do trabalho intelectual.

Num outro momento, a entrevistada diz que

“... o nosso exemplo na minha profissão de orientadora educacioNAL eu tenho a orientação ()... educacional E profissional... eles têm () nós:: somos obrigadas... a valorizar TODas as profissões...inclusive... ((pigarreou))... mostrar que um um um lixeiro é TÃO importante quanto um médico... então a gente tem que valorizar TODas as profissões... mostra::r... o merca::do... o porquê:: o que faz um lixeiro o que faz um médico... porque às vezes uma criança quando a gente orienta... ela é levada ... a ... ela gosTARIA de ser lixeira... gosTARIA... mas ela não pelo pai pela mãe não ‘eu vou ser médico’ então às vezes vai ser um Péssimo médico quando ela poderia ser um Ótimo lixeiro... então ‘ah mas lixeiro não’ mas é importante... é importante...”. (pág.60).

A palavra ‘obrigadas’, presente na voz passiva ‘somos obrigadas’, possibilita a interpretação de uma imposição anterior feita por alguém. Essa imposição pode ser considerada como sendo a da formação discursiva de uma orientadora educacional, que permitiria o reconhecimento de um sujeito como tal. No emprego da palavra ‘tem’, percebe-se uma necessidade dentro do papel que

desempenha socialmente o sujeito de valorizar todas as profissões, no trecho acima, também possibilita uma interpretação diferente da que a sua profissão de orientadora educacional permitiria. Há duas linhas conflitantes presentes nesse discurso. O que é importante notar é que essas linhas contraditórias aparecem no discurso de um mesmo sujeito, numa mesma prática discursiva.

Falando sobre as chances de trabalho que uma pessoa sem escolaridade pode ter, a entrevistada diz que

“... eu acho que sem:: sem escolaridade eu acho que a pessoa tem MUItto pouca chance hoje de progredir... com:: Pouca escolaridade então (não tem) não tem chance nenhuma.” (pág. 61).

Perguntada sobre que profissões exerceriam as pessoas sem escolaridade, responde:

“... profissões?... por exemplo... lixeiro... (ou) atualmente... varredor de rua... servente de escola que é o com:: que eu tenho maior contato... (isso eles as/) a escolaridade deles é Mínima... mal ele (não) inclusive (no)... até nos livros de ponto eles NÃO conseguem assinar o no/ o próprio nome... não se comunicam de forma nenhuma... as empregadas domésticas também... então é só::... essas profissões assim mais::... por exemplo balconista... ou pessoas (o) que (eles) servem em restauran::te entende? ... são essas profissões... mais::... sem escolaridade que leva a isso né? Que não EXIge da pessoa... porque é uma coisa

mais mecânica... ela não tem que se comunica::r... ela... então o pessoal inclusive não espera nada dela... não espera espera só atos mecânicos... então é são essas profissões que... porque qualquer pe/ profissão que exi/ a pessoa tem que ter escolaridade por uma profissão um pouquinho melhor entende?" (pág. 62.).

Essas duas falas se contrapõem àquela feita enquanto orientadora educacional, que dizia ser importante qualquer profissão – seja lixeiro, mecânico, engenheiro. Nestas duas últimas citações, a oposição entre letrado e iletrado é clara. Atos mecânicos ficam para pessoas sem escolaridade. Há uma divisão entre trabalho braçal/mecânico e o trabalho intelectual. O discurso é pertencente a sujeitos letrados.

Fazendo a distinção entre letrados e iletrados ou menos letrados, o sujeito acredita que os indivíduos pertencentes aos dois grupos, o braçal e o intelectual, devem ocupar uma determinada posição social. Cada um com o prestígio que lhe é destinado.

Pela ideologia dominante, presente no discurso, todas as profissões devem ser valorizadas. O conflito aparece quando o sujeito, pertencente ao grupo do intelecto, percebe que na prática a valorização segundo a posição social ocupada pode ser questionada. Assim é que ela sente a sua profissão de professora primária como sendo desvalorizada. Se ela é representante do grupo intelectual, ela deveria ter mais posição social, mais valorização, inclusive econômica. No entanto, isso não ocorre. Na prática, questiona-se essa dicotomia desses dois grupos. O sujeito, enquanto letrado, deveria ser considerado mais intelectual, e,

portanto, com maior poder econômico. Entretanto, mesmo possuindo as características de mais letramento, ele possui menor poder econômico.

Pode-se acrescentar que, percebendo o conflito que se estabelece na prática, o sujeito teria três caminhos. O primeiro deles é usar o conflito e questionar a dicotomia dos grupos e reforçar a ideologia de que todas as profissões devem ser valorizadas. O sujeito também pode questionar o sistema, enfatizando que, embora se diga que o trabalho intelectual é mais valorizado, ele não acredita no fato porque na posição social ocupada pelo sujeito isso não ocorre. Ou seja, ela realiza um trabalho considerado intelectual, mas não é valorizada por isso. O sujeito da entrevista opta por um terceiro caminho. Ainda que sinta a exclusão social, ela culpa a si mesma, reforçando a dicotomia de base, quando se propõe, para ser mais valorizada, a fazer mais cursos.

Nessa oposição que se percebe entre letrado versus iletrado ou menos letrado, várias linhas poderiam ser observadas como concorrentes para a constituição discursiva desse sujeito:

Discurso de orientadora educacional (aquela que deve valorizar todas as profissões):

“...e:... eu acho que é aquilo que ele quer fazer a gente pode orientAR... a profissão... mostrando o mercado de trabalho a forma que ele pode chegar àquela profissão... mas acho que... (o) aconselhara profissão eu acho que não se deve entende? Mesmo que a pessoa... chegar a falar assim pra gente “eu não sei o que

fazer” a gente deverá então tesTAR... (o)... é isso inclusive a a minha profissão ((risos))... éh e então a gente deveria testar para ver o que que ele tem... pra que ele tem habilidade... então ai mostrar o que ele poderia faze::r... qual o mercado de traba::lho como é que poderia chegar até lá:: quais são as condiçõ::es... o número de pessoas que tem essa profissão... mostrar os prós e contras da profissão...”

“... o nosso exemplo na minha profissão de orientadora educacioNAL eu tenho a orientação ()... educacional E profissional... eles têm () nós:: somos obrigadas... a valorizar TOdas as profissões...inclusive... ((pigarreou))... mostrar que um um um lixeiro é TÃO importante quanto um médico... então a gente tem que valorizar TOdas as profissões... mostra::r... o merca::do... o porquê:: o que faz um lixeiro o que faz um médico...”

“...ele não suportava ele queria ser mecânico mas o pai NUNca iria permitiR que ele fosse um mecânico porque mecânico... embora seja algo MULto... éh::...o necessário lógico... é uma profissão desvalorizada... então:: eu acho que... to/ o::... deveria pintar em todos os setores da educaÇÃO... a valorização da profissão entendeu?... pra ver que Todo mundo é necessário que é necessária e fazer aquilo que a pessoa... quer porque faz aquilo que...GOS::ta... com amor::... e com:: desenvoltura sei lá...((pigarreou)) ...”. (pág.60).

Em relação a este último trecho, o que se pode observar é um certo

paradoxo no discurso dessa orientadora educacional, que observa o estudo com vistas ao trabalho, – deve-se valorizar todas as profissões, mas há profissões que atrapalham a vida das pessoas.

Burguês capitalista (aquele que divide o trabalho em braçal e intelectual):

“... porque às vezes uma criança quando a gente orienta... ela é levada ... a ... ela gosTARIA de ser lixeira... gosTARIA... mas ela não pelo pai pela mãe não ‘eu vou ser médico’ então às vezes vai ser um Péssimo médico quando ela poderia ser um Ótimo lixeiro... então ‘ah mas lixeiro não’ mas é importante... é importante... mecânico QUANTo mocinho que nós entrevistamos... que adoraria ser mecânico e estava fazendo curso... completamente errado estava no científico estudando química e física não sei o que lá... ele não suportava ele queria ser mecânico mas o pai NUNca iria permitiR que ele fosse um mecânico porque mecânico... embora seja algo MUlto... éh::...o necessário lógico... é uma profissão desvalorizada... então:: eu acho que... to/ o::... deveria pintar em todos os setores da educaÇÃO... a valorização da profissão entendeu?... pra ver que Todo mundo é necessário que é necessária e fazer aquilo que a pessoa... quer porque faz aquilo que...GOS::ta... com amor::... e com:: desenvoltura sei lá...((pigarreou)) ...”.
(p.60).

Note-se que nesse discurso se percebe uma divisão da mão-de-obra em

intelectual e braçal, que aparecerá em outros trechos da entrevista, quando diz de um trabalho como sendo necessário e outro como sendo valorizado.

“... são essas profissões... mais:... sem escolaridade que leva a isso né? Que não exige da pessoa... porque é uma coisa mais mecânica... **ela não tem que comunica::r**... ela... então o pessoal inclusive não espera nada dela... não espera espera só atos mecânicos... então é são essas profissões que... porque qualquer pe/profissão que exige a pessoa tem que ter escolaridade por uma profissão um pouquinho melhor entende?”

“Doc. É uma pessoa que não tem escolaridade que se especializa em algum ramo...quais seriam essas su/ especialidades... que ela poderia fazer?”

“Inf. São:... o:: os operários... de fí/ de fábricas... operários que a gente chama de operários.”

“...porque num nível de educação de aSSIM... uma pessoa sem escolaridade... ela não pode porque não... em certos ramos não existe né?... a parte só mecânica... na educação em outras profissões não existe a parte só mecânica... então eu acho que só operários especializados (sim)... (essa) parte de especialização de operários...”

“...eu não posso assim dizer com categoria porque eu não tenho muito contato a gente é mais de ler... de ouvir... mas eu acho... que de uma forma geral...”

Observe-se que, no discurso percebido como sendo do burguês capitalista e no de letrado, aparecem respectivamente as formas ... **ela não tem que comunica::r e não se comunicam de forma nenhuma**, que somente aparecem no final da entrevista, quando se refere a animais: “ ...*qualquer sintoma que o cachorro tivesse... era com médicos e hospitais... e o mais especializa::do... e tudo de melho::r porque::... eu... acho que::... é um animal não pode uhn:: **ele não tem como se comunicar...***”

Essas expressões parecem tornar-se um elo que não marcaria um ponto de fuga, mas o de uma aproximação entre esses dois discursos em que aparecem. Enquanto na primeira análise as linhas de fuga, de ruptura, parecem se afastar, nesta, o movimento é contrário. Pensa-se que na primeira, o movimento de desidentificação, de desterritorialização é muito mais vibrante, muito mais acentuado do que na segunda. Nesta, há, também linhas de fuga, mas a desterritorialização, aí, parece adquirir um grau menor do que aquele observado na primeira.

Discurso do letrado (aquele que qualifica a escolaridade):

“... e sem a escolaridade ela não consegue... porque... mesmo que seja... o mecanismo da profissão ela vai ter que ler... que aprender certas a teoria da coisa... então eu acho que... a faixa hoje em dia de nível de escolaridade... a

peessoa está num nível de salário mínimo mesmo... ela não... tem muito pouca chance...”

*“ ...Profissões?... por exemplo... lixeiro... (ou) atualmente... varredor de rua... servente de escola que é o com:: que eu tenho maior contato... (isso eles as/) a escolaridade deles é Mínima... mal ele (não) inclusive (no)... até nos livros de pontos eles NÃO conseguem assinar o no/ o próprio nome... **não se comunicam de forma nenhuma**... as empregadas domésticas também...”*

Leiga (aquele que, por ser de uma área, não entende de outra)

“...acho que há um equilíbrio... pela especialização... quer dizer (o meu) eu sou meia leiga pra falar nisso mas eu acho... pelo que a gente ouve falar eu acho que é assim...”

“... olha... está aí um negócio que eu não sei direito... (...) eu não conheço realmente...”

“... isso levando em conta que eu sou altamente leiga nesse assunto...”

Na observação dessas linhas discursivas, pense-se numa recepção discursiva por parte de um sujeito em que este, através de uma interpretação considerada como um jogo, que tem regras determinadas numa prática discursiva. Pense-se em um discurso que somente adquire sentido através da interpretação

feita pelo próprio sujeito, numa determinada prática social, e condicionada por sua formação discursiva. Com estas duas observações, pode-se dizer que o sujeito ao ser constituído por um determinado discurso é também elemento interferente no processo de produção de um discurso. A subjetividade assim pensada só poderia ser observada no seu movimento, em que o sujeito é produtor de novas sínteses a partir da interpretação que faz de outros discursos, mesmo que essa sua interpretação seja condicionada por sua formação discursiva. Não se pode prever quais elementos discursivos ele estará agenciando para colocar esse novo discurso em movimento, fatalmente recaindo numa certa estabilização de algumas partículas desse outro discurso com que entrou em contato. Se se tiver somente o sujeito como delimitador de seu próprio discurso, não se poderá - crê-se - estabelecer as fronteiras discursivas observadas na análise do segundo discurso.

7. Considerações finais

Através da discussão proposta neste trabalho, procurou-se estabelecer uma reflexão sobre como poderia se recompor a subjetividade se ela se esfacela tanto, em vista de tantas desterritorializações.

Em sua elaboração, buscou-se, de certa forma, um revisitar de textos que mantêm uma correlação entre si, quando se procura fazer uma reflexão sobre o movimento discursivo. Acreditou-se que algumas das melhores discussões sobre este tema encontram-se em Pêcheux, Foucault e Deleuze. Os dois últimos, para a tentativa de percepção de fronteiras discursivas, oferecem conceitos operatórios – a descontinuidade e a multiplicidade –, que podem ser utilizados na observação das rupturas discursivas. O segundo conceito, associado como está a rizoma, pareceu ser o que mais liberdade concede ao discurso.

Pensa-se que Pêcheux e Deleuze poderiam ser considerados leitores de Foucault: em suas obras há sempre elementos que permitem dizer de sua referência. Cada autor retomou uma linha ou várias de suas linhas a seu modo. É assim que parece poder ser discutido o movimento discursivo a partir do conceito de formação discursiva estabelecido por Foucault e retomado por Pêcheux, bem como a retomada dessa discussão que se alia à da multiplicidade que remete à descontinuidade, não se negando, nesse revisitar, as aproximações, os distanciamentos desses autores em relação a Foucault.

Em Pêcheux, a retomada da noção de formação discursiva proposta por Foucault pareceu permitir a observação de que os enunciados podem se opor e se hierarquizar em níveis. Considerando-se, por exemplo, as posições a serem ocupadas pelo sujeito, o limite de inflexão de uma curva, o espaço de raridade – cujas distâncias quando de sua mensuração permitem a observação da existência das contradições de enunciados –, é que se pode afirmar que os enunciados são topológicos e históricos. Topológico, devido às variadas posições sociais ocupadas pelo sujeito, passíveis de serem percebidas em um discurso; histórico, devido a essa observação do desfazer-se/refazer-se contínuo que marcaria o movimento discursivo. Daí ser a simultaneidade uma das características com que Foucault descreve o enunciado. Importa aquilo que foi formulado ali, em dado momento. A historicidade, no entanto, não possui um sujeito suficiente por dentro. É a consideração que Foucault faz sobre a função vazia do sujeito.

Acredita-se que, a partir dessas reflexões, Pêcheux tenha desenvolvido suas reflexões sobre a identificação de um sujeito a uma formação discursiva, bem como a noção de contra-identificação e sobre o acontecimento. Em Pêcheux, talvez pela referência não explícita ao conceito operatório da descontinuidade e às considerações feitas sobre os limites da inflexão de uma curva – que parecem denotar espaço de elaboração, de produção discursiva para o sujeito, ao mesmo tempo em que há um desfazer desta em relação à próxima curva –, os limites pareçam estar previamente estabelecidos. Isto se observa até mesmo no primado da estrutura sobre o acontecimento com que Pêcheux parece caracterizar uma série de enunciados.

As discussões que estabelece sobre os elementos marginais e sobre a contra-identificação poderiam seguir para um espaço de produção a ser concedido ao sujeito. No entanto, a desidentificação é descrita como uma tomada de posição que não agitaria o estabelecimento das fronteiras discursivas. Ela é considerada apenas um trabalho, uma transformação-deslocamento da forma sujeito. Se não há como se considerar um movimento discursivo em que se configure uma produção e não apenas representação, as fronteiras continuam mais ou menos estabelecidas. Não há muito o que se discutir quanto à recomposição da subjetividade. Até mesmo seu esfacelamento é previsível.

As contribuições de Foucault para a Análise do Discurso são já confirmadas, não sendo necessário dizer do aporte teórico que Pêcheux pareceu encontrar em Foucault. Quanto a este poder ser ou não considerado um aporte para Deleuze, há que se ouvir um conhecedor das obras deste último: "(...) é bom tomar aqui um cuidado inicial para que não se precipitem questões pré-arqueológicas do seguinte tipo: quem está na frente, Foucault ou Deleuze, como autor dessa teoria-prática?"¹⁰

A precaução é necessária dado que as discussões que envolvem os conceitos de descontinuidade e multiplicidade parecem resultar numa interseção de coleções, onde cada autor faz cursar a seu modo o palavreado do outro. B. L. Orlandi (1987:34.), afirmava que "assim como a Arqueologia desloca a questão do autor, situando-a como derivada em relação à análise de uma formação

¹⁰ ORLANDI, L. B. L. (1987)

discursiva, também em Deleuze uma questão similar é desviada por força de uma idéia de multiplicidade”. A diferença entre os dois autores, em se tratando de constituição discursiva, parece residir no grau de liberdade concedido ao enunciado, para um, e ao rizoma, para outro.

Em Foucault, essa liberdade parece ser um pouco mais cerceada do que em Deleuze & Guattari. Quanto à repartição dos enunciados, as singularidades são determinadas e especificadas pela curva de um enunciado que as une e que assume esta ou aquela forma à sua proximidade. Esse trabalho de assunção pode ser demarcado na parte anterior à inflexão de uma curva. Constitui-se, inevitavelmente, numa imagem que sugere elaboração para a próxima inflexão e, ao mesmo tempo, um desfazer da anterior. É a reterritorialização/desterritorialização.

A questão da delimitação das territorialidades parecem ser discutidas segundo uma observação do momento de divergência de séries, que passam a se distribuir em um novo espaço. O enunciado seria, então, a curva que une pontos singulares.

Em Deleuze & Guattari, não parece haver essa necessidade de observar o divergir e o distribuir. Para eles, “um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas”.¹¹

¹¹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1996:18.).

Os conceitos operatórios acima retomados foram aplicados na observação dos discursos, para que, através deles, fossem analisadas as fronteiras de algumas linhas que formam uma segmentaridade. Para a exposição dessas segmentaridades, foram escolhidos dois discursos. O primeiro, percebido como sendo perpassado pelas ressonâncias do discurso norte-americano, apresenta linhas múltiplas e possui um grau maior de distanciamento entre si. Este discurso parece apresentar um grau maior de despersonalização.

Essa despersonalização pode ser percebida quando, no discurso, são estabelecidas conexões entre, por exemplo, linhas brasileiras e americanas quando se diz da nacionalidade percebida no discurso. Quanto à religião, talvez em virtude dessas linhas de nacionalidade, percebem-se dizeres do católico ferrenho, do independente e do ecumênico, e, ainda, certa simpatia pelo protestantismo; quando, no que diz respeito à profissão, observam-se, por exemplo, dizeres de divulgador científico, de curso profissionalizante, de bibliotecário – que se aproximam de um discurso científico – e um discurso de magistério. As linhas por que são constituídos estes discursos se apresentam como uma multiplicidade por si mesma.

No segundo discurso observado, tem-se a fala de uma professora primária constituída por dizeres que guardam uma aproximação maior entre si, sendo percebida a identificação com uma formação discursiva que parece determinada: discurso de professora. O mesmo não se pode dizer do primeiro. Parece não se pode marcar a identificação a uma formação discursiva.

Este último é constituído por discursos que mais se opõem do que se aproximam. Observe-se, por exemplo, que, além do discurso da nacionalidade, o do magistério apresenta linhas contrárias ao ensino utilitarista – quando se fala do ensino atual – e favoráveis, quando se fala do ensino profissionalizante.

O que é interessante notar é que quanto mais distantes são percebidas as linhas entre si, mais fácil se torna a demarcação de fronteiras discursivas. Pode-se quebrar o discurso em qualquer parte e, posteriormente, retomá-lo ou não em uma ou outra de suas partes. Há o conectar de qualquer linha a qualquer outra. Neste caso, os conceitos de multiplicidade e rizoma em muito auxiliam a observação do discurso. Não se é necessário dizer que este discurso pertence a tal sujeito. Não existe essa relação simétrica.

Quanto mais próximas, como é o caso do segundo discurso analisado – constituído por discurso de orientadora educacional, burguês capitalista, letrado, intelectual e leigo, por exemplo – mais difícil se torna a sua delimitação, visto que maior se torna a identificação do sujeito com uma formação discursiva: a de professor. Maior, portanto, se torna o grau de repetibilidade e de reprodução. Diz-se mais facilmente da identificação do sujeito em relação à sua posição ocupada, mas os discursos por que é constituída essa identificação já não são tão naturalmente delimitados, já que esses mantêm entre si uma proximidade muito maior. A retomada de um no outro é feita em intervalos muito mais breves do que entre discursos que se distanciam. Daí a dificuldade no estabelecimento de fronteiras entre esses discursos que marcam uma identificação. Não há uma atividade intensa de despersonalização. Há linhas de fuga, mas a conexão entre

os pontos se dá de uma forma muito mais tranqüila do que entre aqueles que se encontram mais distantes. Considerando-se as discussões feitas sobre a inflexão de uma curva, em observância a Foucault, poder-se-ia objetar que, em sendo mais breves os espaços dos encadeamentos entre os discursos por que é constituída a formação discursiva da professora primária, menor é o espaço de elaboração, de produção discursiva para o sujeito, portanto, maior repetibilidade. A imagem da curva, com espaços menores, parece servir melhor à descrição de um discurso como este do que a figura de um rizoma. A curva melhor exporia a semelhança dos agenciamentos, do que a observação do conectar de linhas diversas – melhor perceptível no discurso de linhas norte-americanas.

No primeiro discurso, em virtude do grau de distanciamento existente entre os estratos que o constituem, as conexões parecem ser estabelecidas com uma maior resistência.

Assim, o que se observou nos textos analisados é que a identificação subjetiva a uma formação discursiva é mais facilmente marcada quando maior é o grau de proximidade entre os discursos por que é constituído esse sujeito. No entanto, a delimitação das fronteiras entre esses discursos torna-se menos favorável em virtude das retomadas feitas em menor espaço. Os encadeamentos são mais intensos e os agenciamentos feitos na produção de um outro discurso são parecidos. No caso do discurso analisado número dois, diz-se da identificação do discurso de uma professora, no entanto, as fronteiras que delimitam os discursos porque essa formação discursiva é constituída não é facilmente estabelecida.

Observação contrária pôde ser feita de um discurso constituído por linhas que se distanciam, como no discurso de linhas norte-americanas. Pensa-se não poder falar tranquilamente da identificação subjetiva da entrevistada. Entretanto, devido talvez à distância mantida pelos discursos por que é constituída sua formação discursiva, as fronteiras entre os mesmos parecem ser melhor percebidas. Note-se que é possível a percepção de que quanto maior o exercício de despersonalização, mais singular se torna um discurso. Compare-se o discurso de linhas norte-americanas e o da professora primária. Este último, possuindo um grau maior de repetibilidade, parece menos singular do que o primeiro.

A identificação, noção discutida por Pêcheux, parece não contemplar um grau maior de despersonalização – termo associado neste estudo a uma margem de autonomia concedida ao sujeito; ligado à desidentificação, a elementos marginais, ao acontecimento. Essa identificação estaria relacionada em maior grau à repetibilidade, à reprodução, à autonomia enquanto mera escolha de discursos aos quais se possa filiar, a agenciamentos de estratos semelhantes que mais aproximam os fios por que uma formação discursiva é constituída do que os distanciam. Daí a não singularidade, a previsibilidade.

As reflexões de Pêcheux parecem contemplar apenas esse espaço discursivo. Foucault, através da associação que se fez entre as inflexões de uma curva e a constitutividade de um discurso/formação discursiva, parece possibilitar uma abertura maior para as fronteiras discursivas. É interessante notar o desfazer e o refazer que a imagem da curva parece autorizar. Pensa-se que essa imagem diz muito das ressonâncias interdiscursivas, além de possibilitar um certo grau de

desprendimento da relação que Pêcheux parecia estabelecer entre discurso posição/ocupada pelo sujeito. Os dois autores – Pêcheux e Foucault , guardadas as devidas reflexões de cada um – parecem dizer muito bem das fronteiras discursivas presentes no discurso número dois, o da professora primária.

A associação que se fez entre discurso e rizoma parece contemplar a necessária flexibilidade quando da descrição das fronteiras do que aqui se chamou discurso singular – constituído por linhas que mais se distanciam do que se aproximam.

Pode-se pensar como contraditório, mas quanto maior o grau de identificação a uma formação discursiva, mais dificuldade se terá no estabelecimento de fronteiras discursivas entre os seus fios constitutivos. Daí a necessidade da imagem da curva para a tentativa de descrição de suas fronteiras. Quando do contrário – quando mais distantes são os dizeres entre si -, mais único, mais singular se torna um discurso/formação discursiva. Mais facilmente se marcam as fronteiras discursivas. Nessa realidade tão mais plural que a primeira, a necessidade da imagem do rizoma é maior, para a descrição de uma delimitação discursiva.

BIBLIOGRAFIA

- AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)*. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 19. Campinas: UNICAMP/IEL.
- _____. *Palavras Incertas. A não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.
- BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FONSECA, Márcio Alves. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. SP, EDUC, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 5. ed. RJ, Forense Universitária, 1997.
- FOUCAULT, M. *a ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GADET, F. & HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- GUATTARI, F. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. 2. Ed. Rio de Janeiro, DP&A, 1998.

- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1997.
- MATTOS, M. Augusta Bastos de. *O discurso didático próprio dos cursos supletivos*. Campinas - UNICAMP – 1983 – Dissertação de Mestrado.
- ORLANDI, Eni. P. *As formas do silêncio. No movimento dos sentidos*. Campinas-SP., Editora da UNICAMP, 1997.
- _____. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas - São Paulo: Pontes, 1999.
- _____. *A leitura e os leitores*. Campinas - São Paulo: Pontes, 1998.
- ORLANDI, L. B. *Do enunciado em Foucault à teoria da multiplicidade em Deleuze*. IN: TRONCA, Ítalo. (org.). *Foucault Vivo*. Campinas-SP: Pontes, 1987.
- PÊCHEUX, M. *Delimitações, inversões, deslocamentos*. Cadernos de Estudos Lingüísticos, no. 19. 1990.
- _____. *O discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.
- _____. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- POSSENTI, S. *Discurso, estilo, subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- PRETI, Dino & URBANO, Hudinilson (org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Vol. III – Entrevistas (Diálogos entre informante e documentador). SP, T.A Queiroz, Editor/FAPESP. Páginas 148-164.
- ORLANDI, L. B. *Do enunciado em Foucault à teoria da multiplicidade em Deleuze*. In: TRONCA, Ítalo. (org.). *Foucault vivo*. Campinas-SP: Pontes, 1987.

SERRANI-INFANTE, Silvana. *Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas*. D.E.L.T.A , Vol. 13, No. 1, 1997 (63-81).

SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade. Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas-SP., Mercado de Letras, 1998.

SILVEIRA, Fernanda M. G. L.. *Lembra quando Pêcheux dizia que os sujeitos envolvidos numa interação discursiva são plenamente assujeitados pela formação social a que pertencem? Tudo Mentira*. UNICAMP/ Instituto de Estudos da Linguagem, 1995. Dissertação de Mestrado.